





Carta ao *chairman*

COMUNICADO: PROPOSTA DE PROPOSTA DE COMPRA À RED BULL GmbH 10 MOTIVOS PARA A RED BULL APOSTAR NO RELEVO

1. Imunidade ao fracasso

Estamos há dez anos praticando o fracasso mensal com um jornal de papel e literatura. Já fizemos nu artístico para custear a gráfica, convivemos com escritores sem ficarmos muito doentes; e estamos circulando em meio a uma pandemia – e no Brasil. Queremos provar nossa antifrágilidade comprando um tigre. Para tanto, primeiramente precisamos ser comprados. Aliás, o senso de humor de Deus é semelhante ao nosso e sabemos que Deus protege o Sr. Dietrich Mateschitz.

2. Metodologia

Vejam, na prática nós já funcionamos de maneira muito similar às equipes de futebol da Red Bull. Nós garimpamos e descobrimos talentos, investimos *na base*; depois esses nomes estouram nos *times maiores*. O **RelevO** não faz loucuras. Revelamos muitos autores e autoras que, se ainda não têm suas obras compradas para adaptações cinematográficas, ao menos subiram catapultados por nosso papel-jornal.

3. Mais libertário que o grupo todo

O **RelevO** não vê problemas em usar calcinha como máscara de vez em quando; está com ideias fixas com relação a tigres; carimba ou foi carimbado em hotéis baratos e motéis caros; tem o mesmo carro desde 2004; despreza todas as ideologias, ainda mais o governo; estava pronto para fazer uma festa de dez anos de publicação com um ofurô cheio de vinho (com energético?) na área de convivência; não veria problemas em viver num *trailer*; vende o jornal, mas também pode ser adquirido por quem não tem dinheiro; e, sobretudo, gosta de bebidas (com energético?).

4. Sono/ressaca

Se comprovados os boatos de que energéticos talvez prejudiquem um pouquinho o ciclo de sono, o **RelevO** não tem nada a temer: nosso sono já é um lixo! Horas mal-dormidas, dias não dormidos e longos períodos ao volante compõem um agrupamento de cagadas que, se pensarmos bem, já deveria ter causado algum desastre há muito tempo. Esse tipo de desastre não pode ser evitado com uma redução da carga de trabalho ou com um planejamento mais competente ao longo do dia; esse desastre só pode ser evitado com energético (e um tigre). Não necessariamente relacionado com a falta de sono, mas também não necessariamente não relacionado com ela, entra o espírito da ressaca, que acompanha o dia a dia do Jornal desde sua alvorada (“apaga a luz, porra!”), “que barulho do inferno é esse?”, “isso aí foi ontem?”, “Thaís?”).

5. Um beatle com energético gigante no teto em Araucária

Te dá asas, roda, bala e papel.

6. Baixo orçamento para animações

Aquelas propagandas da Red Bull poderiam ter os editores do periódico como roteiristas (e talvez como ilustradores...). Não temos problema com conceitos publicitários que reforçam o grau alucinógeno do produto. Na verdade, sequer acreditamos que qualquer outra bebida deveria ter outro propósito senão deixar a gente disposto a visitar uma biqueira na Região Sul de Curitiba às 4h30 de uma quinta-feira.

7. Apoio aos esportes

Apesar do mau sono e da ressaca, o **RelevO**, doravante intitulado **ReleBO**, não é como esses virjões da literatura que nunca chutaram uma bola. *Au contraire, mon frère!* O Jornal é por si só fruto do insucesso da carreira futebolística do editor, que acompanha outras modalidades desimportantes, como tênis, vôlei e basquete. Ainda dá tempo de ele reforçar o Bragantino na série A e de todos nós fingirmos que gostamos de Fórmula 1 (vamo, RBR!!!).

8. Nosso produto é por si só uma embalagem eco-friendly de Red Bull

Há anos, o **ReleBO** não se importa em ser utilizado como recipiente para dejetos de animais de pequeno porte, de gato a passarinho. Em ações específicas, podemos reforçar a marca RB como forro de chão de *paddocks* da F1 e embrulho para objetos proibidos – o periódico pode até ser fumado em *raves* patrocinadas pela companhia. O Jornal publica e volta para a natureza.

9. O jovem precisa de um empurrão para a literatura

Se um adolescente pode ser o Batman no PS3 ou o Homem-Aranha no PS4, por que vai ler *Dom Casmurro* por conta própria? A literatura já não é estimulante o suficiente pra garotada que ouve *trap* enquanto joga Fortnite e usa o Tinder. Uma parceria entre jornal literário e energético pode criar todo um *market share* ainda não explorado. Para tanto, além de incutir o uso do energético desde a mamadeira, podemos servir como o teste perfeito para novas ações. Por exemplo, imagina vender uma edição de *Graça Infinita* com um fardo de energético? Como ninguém ainda não pensou nisso, porra?! Esses são os ventos da inovação.

10. Slogan

O **ReleBO** te dá *aaasma!*

RelevO

setembro/2020, n. 1, a.11

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevO.com/assine e jornalrelevO.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevO.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevO.com/publique ou pelo contato@jornalrelevO.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevO.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Gilberto Marques. Você pode conferir mais do trabalho dele em www.instagram.com/casa_artesvisuais.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 10 Rebecca Lorenzetti; Jéssica Santos; R\$ 40 Noemia Marques; R\$ 47 Maria F S Elias; Rener Gustavo da Silva Souza; R\$ 50 Alberto Bresciani; R\$ 55 Adriana Gameiro Santiago; Patricia G. Pacífico; Márcia Arantes; David de Medeiros Leite; Bruno Budin de Menezes; Cristiane de Oliveira; Ana Carolina Barbieri; Júlio César Baron; Ana Laura Russi; Mauro Guidi-Signorelli; Shayenne Estevam de Souza; Marco Mendes; Juliana Caroline Cano da Silva; R\$ 60 Ingrid Carrafa; Ester Mendonça; Ronaldo Duarte; Douglas Cardoso; Darlan Jevaer Schmitt; Lia Marcia Finn; Milton Rezende; Rafael Santos Pereira; Katia Nascimento; Felipe Araujo Gomes; Kiko César; Gabriel Mayrink; Patrícia Boebe; Eduarda Vidal; Richard Plácido; Merissa Ribeiro; Diogo Fernandes Honorato; Celia Regina Bocci da Silva; Paulo Lannes; Céline Bernard; Julia Pozzetti; Fernando Martins Almeida; Eduarda Mello; TW Jonas; Aline Feitosa; Bruno Ramalho de Carvalho; Natália Macário; Ana Claudia Catanzaro Torres; Luciano Justino; Bianca Sieberer; Isabella Barbo; Paulo Augusto Bessa; Katia Marchese; Ana Priscila; Ana Winter; Murilo Blum Alison; Marcelo Brum-Lemos; Gabriel Barban; Bianca Tech; Rojefferson Moraes; Priscila do Prado; Bernardo Vailati; Daniel Osiecki; Ramon Ferreira Santana; Bruno Emmanuel Sanches; Augusto Meneghin; Yuri Campagnaro; Andreia Fernandes; Carlos Machado; Cristiano Pitt; Cesar Carvalho; Felipe Gollnick; Paulo Henrique Cavalcante Souza; Luísa Guimarães; Kamila Costa; Mariana Vargas; Annelize Tozetto; Gustavo Martins; Eduardo Selga; André Villani; André Soltan; Camila Félix; R\$ 75 Bruno Santos; Zaclis Veiga; Marina Pais Silva Melo; R\$ 80 Gabrielle Koster; Luis Antonio Nunes; R\$ 100 Miriam Adelman; Ivan Ivanovick; Emiliana Torteloti; Ana Rita Martins; Budin; Jully Anna Mendes; Leonardo Barroso; Yuri de Mendonça; Silvia Ribeiro; R\$ 105 Rosana Chrispim; R\$ 120 Fernando J M Pimenta; R\$ 150 Alexandre Guarnieri; R\$ 200 Aguinaldo Severino **TOTAL: R\$ 6499**

ANUNCIANTES:

R\$ 50 Cel Bentin; Mocho Edições;
André Fellipe Fernandes;
R\$ 60 Estante Distópica
Mayã Fernandes;
R\$ 100 Editora Penalux
TOTAL: R\$ 490

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 883
Escritório: R\$ 225
Entregadora: R\$ 60
Capista: R\$ 120
Embaladora: R\$ 60
Editor-assistente: R\$ 300
Serviços editoriais: R\$ 300
Mídias sociais: R\$ 400
Diagramação: R\$ 100
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400
Embalagem: R\$ 90
Carimbo: 60
Correios: R\$ 1760
Empréstimo 3/3: R\$ 1.000

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 30

(+) Entradas totais: R\$ 6989

(-) Saídas totais: R\$ 6.948

(=) Resultado operacional: **R\$ 41**

Setembro/2020

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Sandro Moser
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 26 de agosto de 2020

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CONSIDERAÇÕES

Luiz Otávio Oliani Boa tarde! Desculpe o desabafo, mas preciso fazê-lo. Entendo perfeitamente todas as dificuldades vivenciadas para a realização do Jornal, até porque já trabalhei, há anos, na editoria de uma revista literária, entre 2000 e 2004. Sobrevivíamos com selos, doações e, posteriormente, com uma campanha mínima de valor financeiro, apenas para custear as despesas do material e envio via Correios. Sempre defendi que precisávamos conseguir novos leitores e, para tanto, precisávamos lê-los e publicá-los. Fiz esta abertura para dizer que já enviei materiais meus para vocês e nunca obtive um retorno sobre o meu trabalho. Sei que muitos livros e materiais diversos chegam, sei disso. Mas, durante a vigência da assinatura, encontrei, em mais de uma edição, um mesmo poeta publicado. Por questões éticas, quedo-me silente quanto à identificação deste. Por outro lado, lamento que nem meus contos nem poemas tenham sido sequer analisados. Lamento o ocorrido. Atenciosamente.

Da redação: *De fato, Oliani, esse é um problema nosso. Tentamos por muito tempo retornar as negativas, mas, reconhecendo que simplesmente não conseguimos, registramos – nas orientações de envio do site – que a falta de resposta em 60 dias presume que não utilizaremos o material. Por sua vez, a publicação repetida de um mesmo autor ou autora não tem relação direta ou indireta com o primeiro problema: é natural que nos aproximemos (e até procuremos) aqueles que já estimamos. A montagem da edição não parte, necessariamente, de uma fila cronológica. Nossas escolhas são legítimas – como é legítimo você se sentir desvalorizado.*

UM ENCONTRO RELEVANTE

Cellina Rodrigues Estava eu outro dia na minha insignificância, meio de saco cheio de tudo e de todos, principalmente de mim, num desses momentos de rebordosa pandêmica, quando o carteiro chegou e meu nome gritou com uma carta na mão... Mentira. Ninguém clamou por mim, ninguém me chamou nem sonhou comigo, eu apenas dei por decidido parar certa feita e conferir uma missiva (depois de vários dias) jogada ali à toa na mesa do hall do condomínio. Era pra mim. Tratava-se de uma correspondência vinda lá de longe, mais (im)precisamente de Curitiba, Paraná, extremo oposto de onde sou/estou aqui-agora. Rasguei com pressa o envelope, sem me recordar ao certo do nome que assinava o remetente. Podia ser Cássio, Francisco ou Mancha... O que é uma assinatura? — eu me perguntava, na ansiedade daquele instante. Será

credor? Será criatura? Será coisa coisada dessas que a gente cria, descreia, encontra e desencontra, come e cospe por aí sem se dar conta? O nome do remetente não me contava o fenômeno que, numa pandemia, decorreu disso: o Correio funcionaria e fazer chegar até mim aquilo... Um jornal alternativo. Eu me deparei então com o **RelevO**. Todas as classificações são perigosas, sabemos, mas elas nos ajudam a organizar o pensamento, quando não nós mesmos. Uma forma de lidar com o caos do mundo... O **RelevO** é isso que se pode talvez classificar, em certas instâncias, como manifestação de uma imprensa alternativa. Seu caráter “periférico” já se mostra em seu editorial, em que se descreve como “jornal de papel em tempos epidêmicos”. Que alento foi para mim ler aquilo... Foi quase um abraço. Não só porque, junto com o humor, a imprensa alternativa constitui tema de pesquisa que a mim interessa de veras, mas também, e sobretudo, porque é bom saber que, de algum modo e em algum tempo e lugar, a arte e a literatura resistem. Alguém poderá dizer que as inúmeras lives no Instagram ou em canais de YouTube consistem também em formas de resistir artística e literariamente. Alguém poderá dizer que esse meu lugar cômodo de fala (“professorinha assalariada classe média intelequital metida a articulista de site de oposição”) não alcança o que há, de fato e efetivamente, por aí no mundo mundo vasto mundo. Eu leio o Jornal e penso nisso tudo e num pouco mais. Que privilégio ler um exemplar de imprensa alternativa. Essa materializada no jornal que circula às margens e que não está lá, nem em academias literárias ou salas de aula, nem nessas enunciações tais como filas de gente almoçando em pé, lan houses de gente imprimindo currículo, aplicativos de assistência de emergência que não sabem funcionar para gente que precisa. Penso, lendo o periódico, que é tudo mesmo impreciso... É pensando em imprecisão que penso em Romildo Soares, descuidadamente. Por que me veio à mente a lembrança de Romildinho? Sabe Deus e Exu desconfia... Onde andarás Romildo? Onde se dividirá o sujeito artista, poeta e compositor do sujeito não-aclamado, julgado e moralizado sumariamente, não-acolhido pelo Estado e pelas multidões? É com esse maldito que também esbarro casualmente, perdida naquelas questões típicas: onde a democracia? A divisão da riqueza? O fim da corrupção? A coincidência acontece e é relevante nestes tempos difíceis de distância e desilusão. Encontro sua pessoa magra e gorda de verve com sua mais recente safra, manuscrita em páginas de caderno, renovação do poema-piada, essa coisa poética romildiana escrachada-liberta de juízo de valor e intitulada: livro de rhumor em tempos de horror. Damo-

nos as costas, seguimos cada qual em seu devir, ele e eu, eu e ele. No assento módico do Uber que me conduz a lugar nenhum, leio (com o **RelevO** na bolsa), o poemeto em que se mete nosso bardo, mais um desses esquecidos que a imprecisão chama “alternativos”.

Milton Rezende Neste último número destaca-se o conto do Hugo Iora, “O último voo”. Muito bom.

Aline Feitosa Boa noite! Li o meu primeiro jornalinho e gostei muito! Ansiosa pelo próximo. O meu do mês de agosto já foi enviado?! Esqueci de mencionar que morri de rir da parte da conversa com o leitor cuja resenha foi rejeitada.

Eduardo Sens Que editorial esse do mês! Excelente. Já comecei a degustar o jornal. Abraço!

Gabriela Guerra Ei, Jornal. Amei demais a edição de agosto. Acho importante exaltar o trabalho de quem nos toca e o **RelevO** foi a melhor coisa do ano — apesar do ano. Provavelmente, serei a próxima Consolação Buzelin [assinante n.º1 do periódico], nos próximos dez anos. Parabéns pela pura arte que produzem.

Henrique Jr. Isso é que dá assinar um jornal literário alternativo de papel: de vez em quando você é surpreendido com presentes. Isso é só um bônus, é claro. Os textos, a seção de cartas, as imagens dão num conteúdo prazeroso que todo mês nos alcança, dando a impressão de que somos nós os ilhados recebendo notícias do mundo. Mas é poesia (no sentido amplo) que nos chega através de suas páginas. Recomendo a assinatura (R\$ 60 anual) não para ajudar, mas para ser ajudado. Quanto à seção de cartas dos leitores, achei legal a publicação de mais textos ali, porém a utilização do mesmo espaço com a consequente diminuição das letras prejudicou um pouco nossas retinas fatigadas. É isso. Um grande abraço!

Nanna Ajzentel O **RelevO** renova as esperanças na literatura.

Fernanda Dante Recomendo que leiam as letrinhas miúdas do canto da página 24.

Marco Aurélio de Souza A contracapa do RelevO de agosto conseguiu a proeza de, nas letras miúdas, aos 45 do segundo tempo, impressionar mais até do que a belíssima capa. Vê-se que, prestes a completar dez anos, esse jornal continua doido de pedra. Longa vida ao **RelevO**!

Felipe Gollnick Eita porra é o melhor jornal do Brasil!

Esdras Pereira Odeio como a figura do Dr. Plague se tornou macabra.

Rômulo Cardoso Que capa, que jornal. Orgulho de ter o editor como amigo, é o único periódico impresso que atualmente assino. E ainda “nos tiram pra loque”.

Tamiris Tinti Volcean Caramba, que capa espetacular.

Greicy Bellin Super capa! Vida longa a este periódico que abre suas portas à pluralidade de opinião em tempos de disseminação de ideologias totalitárias.

Lorraine Assis Acho intrigante como o corpo editorial se mantém sempre firme nos posicionamentos. Criticidade é sempre necessário; sem medo de falar o que pensa (especialmente nessa onda de cancelamento que ronda as esferas cibernéticas e de diretórios acadêmicos). Vocês têm um jornal que se separa dos nichos mais tradicionais, e eu tava procurando isso. Parabéns ao trabalho.

Fabiano Favretto Vida longa ao **RelevO**. É uma honra acompanhar a trajetória de um dos melhores jornais do Brasil! Vocês são foda!

Maurício Simionato Li hoje a edição de agosto. Muito boa esta edição. Ficou linda a capa. Parabéns a toda a equipe do Jornal, que assino há uns dois anos e vou continuar assinando.

Guilherme Foscolo Cheguei tarde, mas já sou fã!

POR AÍ

Thiago Galdino Olha quem chegou em terras potiguaras: o **RelevO**, editado em Curitiba. O amigo Whisner Fraga também faz parte do Conselho Editorial.

NOVO OMBUDSMAN

Gisèle Naconaski Acho o máximo ser ombudsman, tanto que é um cargo raríssimo. Mas o Sandro Moser é um profissional raro assim como o cargo, tá proporcional.

Glaucio Chemin Esse novo ombudsman é fera, não tem uma vez que eu o encontro que não seja legal e que não aprenda com ele.

Felipe Mongruel Parabéns. O Sandro Moser é um gênio da raça. Virarei assinante a partir de agora.

Pedro Spigolon Grande trabalho de vocês na condução desse maravilhoso jornal de literatura!

PAGAMENTOS AOS AUTORES E AUTORAS

Angela Rodrigues Gurgel Parabéns por esse novo momento e pela atitude de respeito à produção intelectual, tão desvalorizada em nosso país.

Carlos Emílio Corrêa Lima Que belo e ético exemplo vocês dão aos seus pares editores de todo o país. Meus efusivos parabéns.

Whisner Fraga Fantástico. Precisamos começar mesmo essa prática em nosso país. Parabéns, não tem como não apoiar um projeto lindo desses.

Elieder Corrêa da Silva Olá! Boa tarde. Melhor ser colaborador(a) [sem remuneração] do que ser explorado(a) por editoras. E só tenho de parabenizar pelo trabalho exemplar do Jornal e pelas conquistas realizadas. Esta última, de remunerar os escritores e escritoras, é um exemplo de perseverança.

William Sertório Parabéns pela iniciativa de valorização do trabalho intelectual.

Rui Sobral Um passo incrível e uma mensagem de muita esperança para a literatura e à cultura em geral. Parabéns!

Susanne Wehrs Pereira Panagoulas Muito feliz de poder (finalmente) assinar de novo esse projeto incrível que conquistou meu coração e mente! Um abraço e obrigada por sempre serem compreensivos e amigos!

Luciana Merley Que maravilha. Uma ótima forma de valorizar o escritor que luta com as palavras sem perspectivas, muitas vezes. Preciso atualizar meu endereço lá pra continuar recebendo o jornal.

Nálu Nogueira Que linda iniciativa! E quanto simbolismo de resposta nisso. Parabéns.Vou correndo renovar minha assinatura. Exemplar de agosto tá um escândalo de boniteza!

Pri Costa Lopes Li o informe interno aos assinantes sobre a novidade de pagar os autores e autoras e me emocionei. É simbólico, mas isso é sensacional. Parabéns!

Fábio Cazé Quantas vezes eu vi vocês dizerem, que era um sonho isso! Parabéns, e que o **RelevO** voe ainda mais longe!

Mayã Fernandes Passando pra avisar que já recebi minha edição de agosto. Sei como funcionam os Correios e não esquentem com isso. Fico muito feliz por saber que os próximos escritores serão remunerados e irei verificar como posso colaborar (\$\$\$) com a existência do jornal.

ENCLAVE

Caminhante sobre o mar de telas [Enclave #64]
Anthony Felipe Caramba! Isso é quase a mesma imersão ou até melhor que as driving tours deste canal. Bota na TV, uma música de fundo e parece que você tá de rolê, feliz da vida. Ah, o entretenimento...

Marco Pierre White [Enclave #63]
Bruna Campos Se hoje mais cedo alguém perguntasse como estou me sentindo, minha resposta seria menos interessante que a resposta de agora. Tô me sentindo que nem Marco Pierre White — cansada de ser avaliada por pessoas que entendem menos que eu (e ainda não são nem 10h da manhã!). A gente que lute, Marquinho!

Escritores sonham com personagens eletrônicos? [Enclave #62]
André Giusti Legal a abordagem, tomei até como alerta. Agora eu, tiozão do rock, que tenho por videogames a mesma atração que sinto por um prato de jiló com chuchu sem sal, faço o quê? Desisto de escrever da forma como sinto, como acredito e como a narrativa me vem? Sei lá, cheguei a entender assim o recado. Abração!

Shahdaroba: Roy Orbison e o escapismo dos solitários [Enclave #60]
Marceli Mengarda O Bruce Springsteen tem uma música que é uma das mais maravilhosas de todas as maravilhosas e que tem a estrofe “Roy Orbison singing for the lonely”[Roy Orbison cantando para os solitários] :) A letra toda eu acho perfeita demais, essa planeira, a vontade de comprar uma F-1000 e andar de janela bem aberta.

EDITORIAL

A dinâmica do **RelevO** é muito simples. A dificuldade de montar uma edição — se há, a essa altura — é banal, superficial perto da dificuldade de manter uma operação contínua ao longo de dez anos, dia após dia, vendendo assinaturas no fim de semana enquanto nos esforçamos para demonstrar sobriedade no inbox do Instagram, assim como Henry Thoreau se esforçava para parecer que não ia comer biscoito na casa de sua mãe enquanto estava se *sacrificando contra o sistema*. De tanto errar pelo mundo todo, não sabemos mais o que é não circular. Nossa vulnerabilidade é o ontem.

Porque, reconheçamos, qualquer idiota consegue juntar material suficiente para uma edição de literatura (ou do que quer que seja). Imprimi-lo periodicamente, por sua vez, é uma tarefa mais difícil. Fazê-lo por uma década inteira demanda alguma persistência, para não incorrermos no risco de nos elogiar como se fôssemos escolhidos para alguma missão semelhante a salvar a literatura. Apesar de lidar com literatura, o **RelevO** não se considera um veículo propriamente literário. A literatura é um meio. Dentre todas as sensações que o mundo pode proporcionar, nos interessa sobretudo a produção de beleza — e não entraremos em méritos particulares para comprovar nossa essência.

O tempo gasto com a edição é leve, possivelmente prazeroso. O maior gasto — de tempo, dinheiro, estresse — é logístico, operacional. Quem quer que tenha organizado uma pelada semanal ou um chá de bebê entende isso. O Jornal é obra individual e coletiva na medida em que somos reflexo de personalidades pitorescas e obreiras, e também somos a soma de todos os nomes que aparecem em nossas páginas todo mês. Agora passaremos a remunerar os autores e autoras, mesmo que pouco, mesmo que mal.

O **RelevO** não tem departamentos; tem um editor, um editor-assistente e auxiliares pontuais. Sabemos de todos os processos, e qualquer mudança demanda apenas acharmos que ela melhorará o que temos. Nosso potencial de inovação é ilimitado simplesmente porque não fazemos reuniões para discutir a aplicação da ideia, que pode ser outra

ideia, e depois tudo virar apenas uma burocracia para irritar funcionários com filhos pequenos. Não temos departamentos estanques que criam inimizades com outros departamentos talvez menos estanques (afinal, estanque é o outro).

O grande valor do periódico, na prática, não vem do papel impresso, mas da planilha de controle criada, alimentada e atualizada pelo editor. Lá constam as situações dos assinantes, os valores a pagar, os valores a receber etc. É um documento que flerta com o espectro autista, e não se trata de uma analogia irresponsável. Esse *Moneyball* sem *money* (mas com *balls*...) precisa ser impecável para um projeto em tese tão pouco rentável como o **RelevO** se sustentar por tanto tempo. É uma questão de sobrevivência. E já somos peritos em matéria de não morrer. São 135 edições, 57 planilhas, 1100 assinantes. Somos estáveis na calamidade.

Como Don Draper num retiro *hippie*, o **RelevO** enxergou o próprio futuro. O **RelevO** amou muito, brigou muito, bebeu muito, errou muito — e deve até ter acertado algumas coisas, afinal estamos aqui. Nós sabemos agora o que queremos. Nós queremos ser vendidos à Red Bull.

Uma boa leitura a todos.

OMBUDSMAN

SANDRO MOSER

Uma dieta para perder assinantes

Convido-os a deambular em retrospectiva nos três últimos meses deste **RelevO**. Neste setembro, na contramão de grande parte das publicações lítero-culturais do país, o jornal celebra uma década de circulação mostrando improvável vitalidade. A carteira de assinantes está em ascensão e, a partir desta edição, o jornal passará a remunerar seus colaboradores.

Esperamente divulgado no final da edição de agosto, o jeton representa 10% do valor de uma bolsa emergencial da pandemia e terá como efeito imediato a melhora na qualidade dos textos, pois minha experiência mostra que um trabalho pago é pelo menos três vezes mais revisado do que um gratuito. Na edição de agosto, o ponto alto foi a reprodução, na página 6, da ótima HQ de Arnaldo Branco que escracha o papel infame da imprensa em nosso tempo, além de um bom conjunto de poemas e textos de reflexão sobre teoria literária, videogames e miséria existencial.

Ouvi críticas à página de humor. Alguns leitores a consideraram de “mau gosto adolescente” e “preconceituosa”. O texto não assinado, mas pleno das impressões digitais do autor, está mesmo situado antes da sobreloja na torre do humor, mas confesso, abestalhado, que gostei, justamente pelo tom velhaco e absurdo.

Chegamos, pois, ao mês de julho quando um dos textos fez o **RelevO** perder um assinante. Para um jornal literário que destaca o nome dos apoiadores na página 1, é tão triste quanto ver fechar um bar centenário ou ver morrer um amigo. O agora ex-assinante pediu anonimato, mas explicou que desistiu do jornal em razão de um texto de “direita-fascista” da autora Greicy Bellin. Antes da despedida, ele declinou da oferta de uma possível réplica.

Para quem não lembra, o texto de alguma forma exalta a capacidade de comunicação popular de um modelo de pensamento ideológico que não é nem o liberalismo juspositivista, nem o marxismo e suas derivações.

Os editores reconhecem que o texto em questão está “fora da curva do jornal”, mas que a consequência de sua publicação parece sintoma da cosmovisão das redes sociais, onde há uma luta em andamento “entre o exercício de dissenso e o exercício de apagamento do diferente entre os iguais” e que, enfim, o **RelevO** é a “favor da dieta intelectual variada, mesmo quando não gosta de alguns alimentos”.

Em princípio, eu também sou. E acho que o texto em questão até faz boas reflexões sobre o “continente perdido” da filosofia contemporânea, mas entendo a aflição do leitor — que foi também a minha —, pois é uma chocante inversão de expectativa ler escrito a sério o nome de um autor nacional cuja a simples menção conspurca o apanágio que o **RelevO** construiu nesta década.

Entendo que a casa tenha a coragem de servir conteúdo variado. Entre os leitores, quem tem estômago mais forte, come com farinha. Quem não tem, pode separar no canto do prato. Se vier sempre, os clientes podem não vir mais. É o preço de se estar em movimento neste tempo estranho e perigoso. E que venham dez anos mais.

APOIADORES



TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES
DOS SANTOS

ED. PATUÁ

“Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, “sem pano para esfinge,/sem sombra alheia”. Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que “a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços”.”

Adriano Espínola



- Agenciamento Literário
- Leitura Crítica de Originais

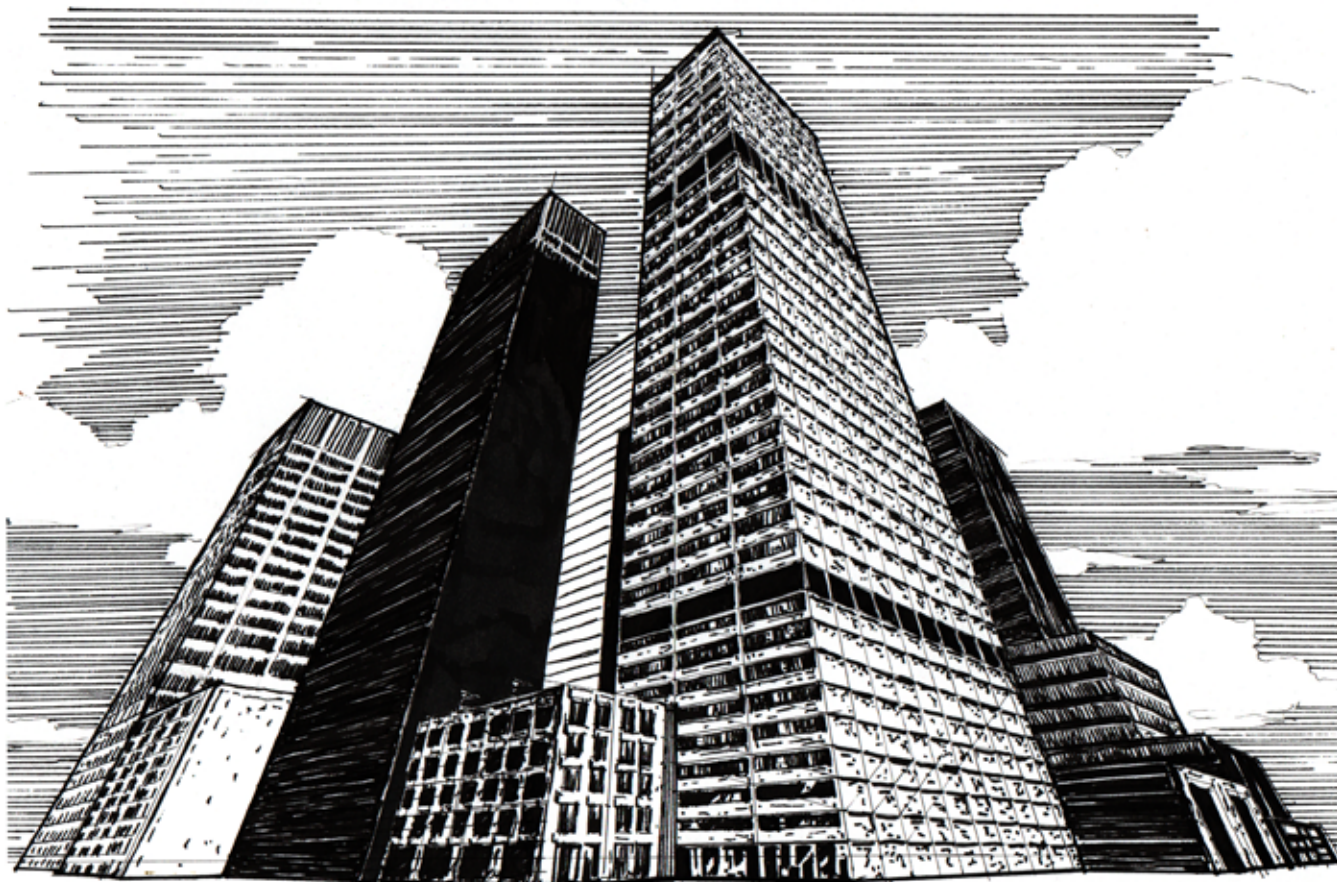
• Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros

casaprojetosliterarios.com.br

@casaprojetosliterarios

Julia Raiz

a poeta de nome costacurta
 num evento com mulheres bandidas
 mulheres que são tataravós
 (uma delas com 32 anos de corporação militar)
 nunca disparou uma arma
 com uma tiara de flores na fronte
 a poeta de nome costacurta
 lê um poema sobre a criança curada
 pelo vinagre de maçã
 lê outro poema sobre uma família
 que tira fotos com canhões e aerocaças
 a filha quer entrar pelos fundos dos tanques
 levantar-lhes a cauda quer trepar nas hélices
 molhar de propósito o lençol
 para roubar do pai o lugar na cama
 a poeta de nome costacurta
 nunca leu poemas
 no terreno baldio dá de cara com seu maior sonho:
 uma cabana de tálbua onde ela pensava morar
 se um dia fosse abandonada à rua
 pra estar com os ferreiros
 a poeta de nome costacurta
 é puerto-riquenha
 ninguém gosta dela em massachusetts ela
 deveria se apressar e publicar logo um livro
 se apressar e lançar alguma merda que preste



Parabéns, **Jornal RelevO**, pelo bom humor e
 pelos dez anos de relevantes serviços
 prestados à literatura.

QUE VENHAM MAIS DEZ!

E que possamos continuar juntos, desde
 que vocês relevem nossos clichês e
 trocadilhos de aniversário.

www.editoraampearelo.com.br

iPê
 amar
 elo

Nathália Fernandes

eu fui ao lugar sagrado de Cristo e de alguma forma mística tive a visão dela. de costas, vestida com um hábito castanho, ela mantinha o mesmo andar cifoso. era coberta dos pés à cabeça, mantendo apenas o intervalo de um escapulário entre o pescoço e o corpo, um corpo inteiramente conservado pela túnica e capa que a abrigavam. ainda de costas era possível enxergar o antigo hábito de estacionar os óculos na ponta firme do nariz, mas, pela atual posição sacramentada, as lunetas azuis incomparáveis eram substituídas por fundos sujos de garrafas. andava de um canto para o outro, como que em busca de saída ou entrada, até encontrar um espaço mínimo para a também situação ínfima de seu corpo no banco de frente ao padre, bispo e coroinhas. acompanhava ao espetáculo sagrado quase que da forma como uma criança assiste a animais selvagens e malabaristas em chamas. era tudo perigoso, ela sabia. começava com o hábito de abrigar em sua mente, logo na hora da Ave Maria, os momentos em que costumava realizar promessas pagãs. promessas de amor, enlouquecido e esquecido amor, promessas as quais nunca ousou cumprir, promessas apagadas com a benta água dos altares e exorcismos. meu Deus, como mentia! nos cantos gregorianos lembrava da última canção cantada por seu antigo e herege amor, uma canção qualquer sobre permitir-se, amar-se, beijar-se. era qualquer canção que envolvia abraço, carinhos, carne. envolvia o amor prometido e não cumprido, meu Deus, mas nada tinha com aquele liberto e desmedido ritmo que quase a ensurdecia de aflição. no entanto, o pai nosso lido na boniteza da língua latina pertencia à parte mais dolorosa do rito. o *patre nostrum* era o pior, o mais amargo, o mais castigado, e assim o era porque não a fazia lembrar de nada. e por não lembrar de nada, lembrava de tudo. as confusas declinações nada eram parecidas com as palavras que sopravam em seus ouvidos após os espasmos de amor, assim como os imprecisos radicais de nada se pareciam com a radicalidade do último e único sexo que as residuiu. talvez a possível liricidade dos verbos e conjunções latinas se parecesse com a literatura branda das cartas de amor recebidas, mas em todo caso tal comparação seria irreal demais. tais comparações, irreais e portanto inexistentes, só incitavam ainda mais a contemplação dos amores mundanos. meu Deus, como em meio ao amor eterno divino poderia se deslocar para a purificação dos amores do mundo? em meio ao desespero ela sorria com malícia, um sorriso cheio de vontade a mais, porque qualquer parte beata e escondida daquela monja inteiramente marrom sabia da presença cética do seu amor desiludido. o seu amor desiludido que, além de habitar os devaneios nos momentos mais etéreos da missa, encontrava-se também do outro lado do templo, com a mochila habitual. a mochila, que portava um castanho claro, tão claro que quase se confundia com tons arenosos, talvez fosse uma anunciação para o futuro inusitado das duas entregues amantes. naquela castanheza branca, as duas meninas costumavam abrigar tudo: carteiras, ingressos, bilhetes, roupas, calor. era o lugar em que enterravam os objetos desiluminados, terrenos, temporais, o lugar que permanecia sempre nas costas da pequena grande mulher, apelido carinhosamente dado pela baixa estatura e grande personalidade do amor da outra. permanecia nas costas como uma casa que necessita sempre ser levada para que seu existir laical nunca deixasse de ser lembrado. ai meu Deus, como elas se sabiam! sim, elas sabiam, sabiam tanto a ponto de terem a confirmação através do reflexo existente na luxúria dourada do Graal Santo, da água que escorria das mãos rugosas sacerdotais, da âmbula acolhedora de corpos santificados. elas não apenas se sabiam como também se viam e se surpreendiam, porque, afinal, fazia tanto tempo que não se rendiam à admiração de amores fugazes, mesmo que com razões disformes. a monja a olhava e sorria, já esquecida de onde se encontrava, sem ouvir o couro dos cânticos, sem ler as vozes dos inúmeros anjos, sem folhear as palavras sedosas e celestes, porque tudo se transformara nas palavras proibidas, na leitura dos lábios rubros e detalhados, no deslizar da seda entre o mapa humano. meu Deus, a sua amada sempre fora seu verdadeiro Amor, por que mentir? a onisciência de Deus era seu detalhe favorito. elas sabiam, mas Deus sabia tantas mais coisas! sabia até antes de saberem, sabia e talvez quisesse, talvez pedisse, talvez falasse! como saber?



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

O centauro desfeito

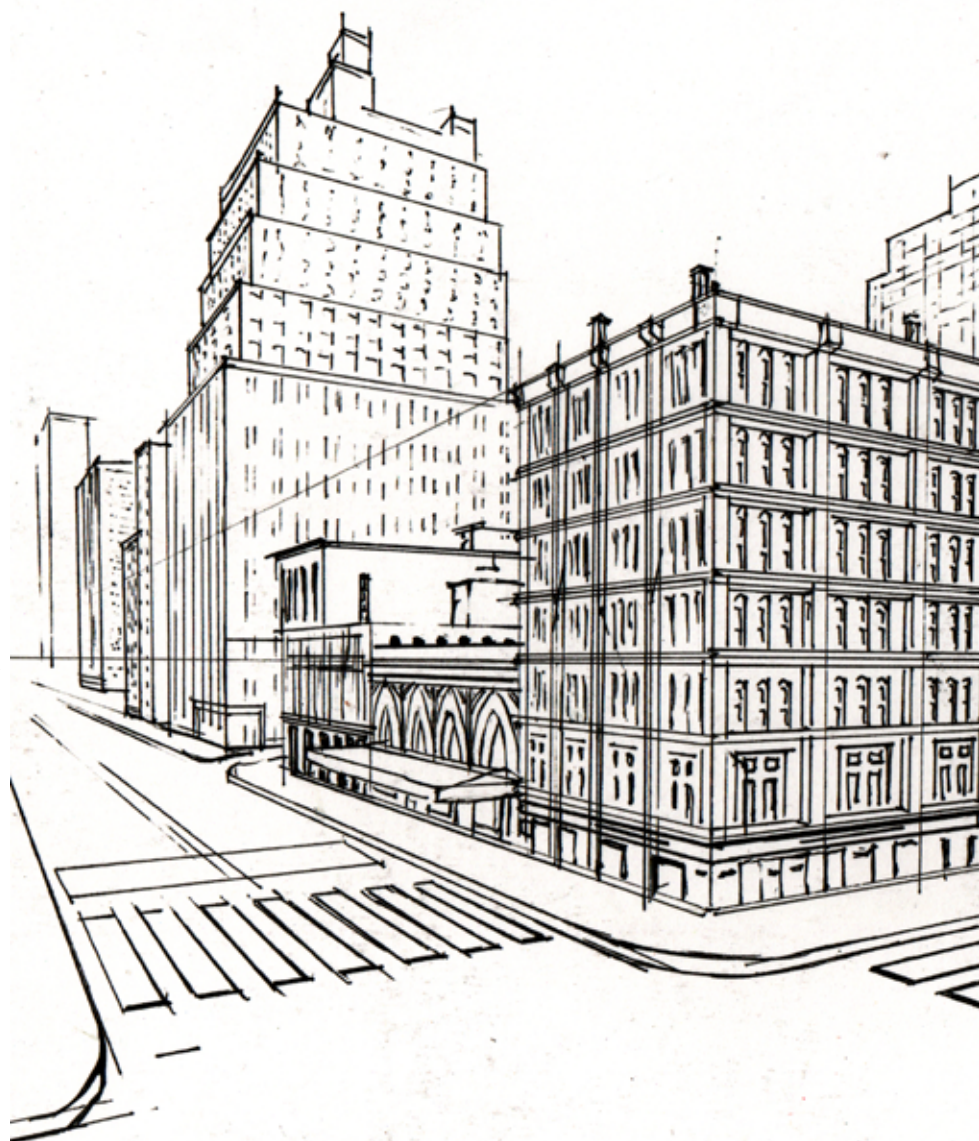
Marco Aurélio de Souza

O centauro desfeito qual
Um antigaúcho qual até
Um ser quiçá deleuzeano
(Seu corpo sem órgãos abomina
As grandes raízes do pinheiro –
Este incômodo selvagem
Da vizinhança)
Fiscaliza satisfeito
A demolição de uma antiga casa
De madeira – a casa eslava que foi
De sua avó e de seu pai a casa
Que ontem era sua e amanhã
Não será de seu filho jamais –
Sem se perguntar se ali
Naquela terra ora convulsa
Um arranha-céu poderia cutucar
As nuvens com a ponta
Afiada de um lambrequim
(O termo estranho e
Desconhecido pelos engenheiros
Que um arquiteto recém-formado
Utilizou para falar destes
Rabiscos de madeira na varanda)
Nem se existem ainda
Harpas ou gralhas-azuis
Quando lhe disseram
Das vidraças que formarão
A fachada do edifício
– O seu céu é vazio como o
Espírito das latinhas
De cerveja
Que toma todas as noites
Defronte à tela de seu
Celular
Mas seu reflexo será espelhado
Pelas janelas do apartamento
Que dentro de três ou quatro anos
Receberá da construtora
Na altura excelsa do vigésimo
Terceiro andar.

Quando o centauro desfeito deita
Sua cabeça num travesseiro
Sem plumas
Slogans & outdoors
Flutuam por sua mente e não o
Deixam dormir em paz
: quer pular os sonhos para dedicar
Mais tempo ao Progresso
[O seu maior orgulho nesta vida
É trabalhar trabalhar trabalhar
E dar voltas pelo centro aos domingos
Com sua camionete rebaixada]

Porque assim pode cumprir à risca
Os desígnios divinos
Provando a todos seu valor
E a sua fê
Pois teme a Deus e Deus está
Em todos os espaços e lugares
:
& o vizinho enfim cortou o seu pinheiro
Graças a Deus
& a casa antiga de madeira veio abaixo
Graças a Deus
& já nem lembro o que será um passarinho
Graças a Deus
& o meu time é campeão mais uma vez
Graças a Deus
& o meu filho pega todas as meninas
Graças a Deus
& a minha esposa faz de tudo e não reclama
Graças a Deus
Quando me interno embriagado numa zona
Graças a Deus
& assim me esqueço do inferno cotidiano
Graças a Deus
Pois é preciso ter retratos de família
Graças a Deus
Mas não há macho que resista a uma coleira
Graças a Deus

& é papel de todo homem que se preze
Graças a Deus
Zelar as tradições que enformam sua casa
Graças a Deus
Mesmo que a casa a bem dizer já não exista
Graças a Deus
Mas com dinheiro a gente compra qualquer coisa
Graças a Deus
Mesmo uma casa e uma família inteira nova
Graças a Deus
& algo novo muito novo & bem moderno
Graças a Deus
& algo novo & bem moderno pra morar



O Céu também Educa

Pedro Guerra Demingos

a João Cabral de Melo Neto

I. Pelo Horizonte

O Horizonte, quando seco,
é plano-abrir aos lados
em abraço-véu de azul,
um azul limpo e afastado.
Livre de ser-gente, porém
o Horizonte é olhienado
por seres-gentes não secos
que molham em olhos-nado.

O Horizonte, quando nuvem,
é cubo ou mais, e terra,
montanha viva, móvel água,
uma água-terra de ser-serra.
É serra e gente, e vertical,
mas não é, então, molhado
pela gente: é si o Horizonte
que nada e chora e erra.

II. Pelo Sol

O Sol, quando se faz calor,
é fogo ao tato, e sobre-entre;
máscara e teto de proteger:
pena palma pluma ventre.
Raro queima, pois paixão;
e lenha a radiar-nos sempre
carícias-impessoas verticais
de cair-nos de sobre a entre.

O Sol, quando se faz em luz,
é por-entre, e vento aos olhos,
e derramado no mexer das folhas
em horizontal tecido e galhos.
Distante; raro frio, de pupila,
que pinta à vista as cores-óleos
que brilham estrela-caída pelas
superfícies, limpando escórios.

III. Pelo Paraíso

O Paraíso, quando prisão,
é grilhão, religioso de medo,
que quer desfazer o sonho
chamando de erro já cedo.
Mas sob ele o querer-ser
é tão forte, forte mesmo,
que mesmo o grilhão é quebrar
e sua natureza, o destemo.

O Paraíso, quando voo,
é a terra toda, sem sê-la,
é jardim-gramado infinito;
é dançar estradas, é colher estrelas.
Vetor-horizonte um, e mútuo
em uma pluralidade trêmula;
não deixa temer, pois ilusão
que ao real lhe desamena

IV. Pela Montanha

A Montanha, quando acima,
em meio ao céu, se acentua
e assenta, em seus ês e ôs,
o horizonte, sua cintura.
Nesse estado, é mais-demais;
querer-se ao céu e à loucura;
não teme impor aos-pelos planos
sobre-onde quebra-lhas mesmuras.

A Montanha, quando abaixo,
é ego eu-épico em destemer,
perna altura de obelisco
improvável cair-descer.
Aqui, pedestal de honra,
demasiado ao florescer;
brilho pálido do supero;
pouco visto, muito a ver.



DE LABRADOR A PITBULL:

o dia em que Gustavo Kuerten perdeu a cabeça

Surto, revelação ou falta de assessoria? Guga choca o país ao derrubar tudo aquilo que pensávamos a respeito dele. Ex-tenista promete desconquistar o mundo.

FLORIANÓPOLIS (SC) – “Prefiro cortar minhas bolas e costurá-las no meu c★”. Gustavo Kuerten acaba de ser convidado para participar do programa da Fátima Bernardes, e sua voz é seca, exalando a rouquidão típica do excesso de whisky. Depois de oito minutos, o ex-tenista parece reconhecer que a equipe do **Jornal RelevO** se sentou à mesa do mesmo restaurante “que aquele cara do Madero emprestou o nome e a inflação”. “Tão olhando o quê? Marquei uma exclusiva com o TV Fama. Cadê meu assessor?”; ele indaga. Hesitante, um garçom responde: “você acabou de demiti-lo, sr. Guga”. O silêncio súbito impera. “Falei com você, *pardinho*?”.

O ar parece rarefeito, tamanha a dificuldade de todos respirarem – exceto Kuerten, que bafora um narguilé sobre a mesa. Abismado pela injúria racial explícita, outro garçom ameaça empalar o ex-atleta com uma raquete, mas o primeiro funcionário ameniza. “Relaxa, gravei tudo”. Eles voltam para a cozinha, aparentemente satisfeitos.

Satisfeita também está a equipe do **RelevO**, que fingiu representar o TV Fama, da Rede TV. “Sim, sim, isso vai tudo pro Léo Dias”. “Então tá”, Guga assente, desinteressado demais para desconfiar. Através da janela ele observa o Gol Bola 94 da redação estacionado do outro lado da rua, então arqueia as sobancelhas. “É de vocês? Não senti cheiro de classes C e D aqui”. O **RelevO** se vê forçado a mentir novamente.

Guga dispensa apresentação – mas não hoje. Respeitando a quarentena até dizer literalmente chega, “f★a-se a quarentena, e f★a-se a China também; nunca ganhei torneio lá”, Gustavo Kuerten resolveu repaginar sua imagem pública. Está cansado de ser o ex-tenista carismático e inofensivo, que critica pouco os dirigentes, arranca sorrisos de Galvão Bueno e costuma ser tachado de labrador humano, um raro ícone de paz, respeito e admiração num país ininterruptamente chiliquento.

“Irmão, eu cansei, só isso. Tô há mais de quarenta anos sorrindo; chega. Pra mim que se f★a. Com as pedras que nunca me atiraram eu não construí castelo algum, então agora sobrou muito espaço pra eu encher de pedra e tacar em todo mundo”, ele pondera, trafegando entre a lucidez e um possível *delirium tremens*. “A galera gosta de mim porque eu sou simpático e tenho cabelo cacheado. Por isso eu fiz esses *dread*; ninguém suporta um branco de *dread*” – pela primeira vez, parece haver consonância entre os interlocutores do recinto. Da cozinha, ouve-se um “pode crer”.

“Essa parada de labrador humano me encheu o saco, cara. Inicialmente eu tinha decidido não ser labrador, mas curti a ideia e agora pretendo me manter nessa linha desumana até ser preso ou assassinado. Liguei pro Felipe (Melo), um cara que (agora) admiro muito, e ele passou a me orientar. De labrador a pitbull: a premissa é da hora, né? Aliás, pretendo começar a compor com o cantor Pitbull e ter um cão

da raça pitbull. Nem a favor de cotas eu sou – curto umas paradas *hardcore*, serião”. Incitado a contar um pouco mais sobre sua nova carreira musical, Guga pega um prato e uma faca, começa a batucar, logo se aborrece, joga o prato no chão e emenda um trecho de seu samba recém-composto:

*Você sabe o que é saibro?
Você sabe o que é que é saibro?
É a areia que passo
na hora de enfiar no teu rabo.
Diridiri, dirididi daddy*

Guga sabe-se amado por todo o mundo, e isso hoje o constrange. “Cara, eu não quero falar de mim ou de Roland Garros, p★a mer★★, não mesmo. Eu odeio Paris, cara; aquela p★ra inteira me lembra o Dazaranha”, alega o manezinho da ilha, acrescentando que odeia surfe, o Estádio da Ressacada e o gentílico “manezinho da ilha”. No que parece expor uma crise aguda de identidade, Kuerten às vezes profere frases inteiras como um paulistano de Santa Cecília, alternando a locução com uma representação gaúcha tremendamente caricata. “Bah, mêo, afudê”, ele reflete, “conheço o mundo inteiro, mas esses são os sotaques mais detestáveis”, define. “Tipo professor universitário de chapéu”, acrescenta o editor do periódico, sem resposta.

A mudança de postura de Guga começou no que seria uma sexta-feira qualquer. Em 7 de agosto de 2020, o ex-tenista trafegava pelo universo

de seu *smartphone* quando leu a frase “#sextou com *live* de Caetano Veloso”. Aquele instante reforçou a célebre frase de um anfetaminado Philip K. Dick, segundo o qual “existe, para qualquer um, uma frase – uma série de palavras – com o poder de te destruir”. Em raro momento de vulnerabilidade, Gustavo Kuerten expõe lampejos de uma melancolia genuína: “não tanto pelo evento em si – ao qual sou indiferente –, mas aquela combinação de palavras simplesmente acabou comigo. Nada daquilo fazia sentido; a realidade objetiva se descolou. O planeta enquanto tal deixou de responder a tudo que eu compreendia”. Seu olhar desolado dá lugar à cabeça erguida: Guga lembra de ser o não Guga. “Ali pensei: também posso inovar”. Tal qual um Maracanã-hospital de campanha, o catarinense mais estereotipado do estado decidiu que o inóspito poderia equivaler a inovador. “*Game, set, match*; ou mete, no meu caso”, postula. “Porque eu transo muito”, Guga complementa, como se ninguém tivesse compreendido.

Estimulada a mudar de assunto, a equipe do **RelevO** pergunta se a nova personalidade de Gustavo Kuerten se mantém apaixonada pelo Avaí. Guga rebate em tom exasperado, tratando logo de queimar a mão de um dos repórteres com a ponta de um Cohiba. “Claro que ainda torço; tem time mais inútil? Era a única coisa que eu fazia certo. Errado. Sei lá”, ele conclui, espetando um sonoro, porém breve arroto no ar.



“Chega de sorrir, eu quero é fazer chorar”.

A mudança de Guga, que também passou a investir em personalidades pouco dopadas do UFC, assustou alguns amigos mais próximos, como o técnico Larri Passos. “Para mim, tudo começou com a adesão de Guga ao TikTok – ele tentou fazer uma dancinha, mas ficou esquisito naquele corpo magrão de 1.90m”, acredita o treinador dos anos dourados de Guga no circuito. O catarina se defende: “quer saber de uma coisa? Já simulei câibra sim, c***lho. Quando conheci o Larri Passos, ele era cabeludo, ouvia *reggae*, cheirava mais que incenso de zona e ainda era bicurioso”, relata Gustavo Kuerten, pouco convicto. “E outra, na moral, quem se chama lar-rí?”. Da cozinha, ouve-se outro “pode crer”.

Aos críticos de sua nova fase, Guga encerra: “eu cago a forma do meu p**; se f**am”. Em seguida, com um sorriso de canto, anota o verso em uma página de Moleskine, cômico de quanto isso é irritante. Ele detalha seu plano de criar o primeiro

antiprojeto social legalizado, com o qual tiraria adolescentes do esporte para apresentá-los ao *crack*. Kuerten quer desconquistar o mundo, porém se preocupa: “por que as pessoas estão me seguindo mais? Me ouvindo mais? Me cogitando pra presidente? Me esqueçam, me esqueçam”.

Já de dentro do Gol Bola, a equipe observa a silhueta do ex-atleta, ainda sentado à mesa. Seus antebraços formam um triângulo: Gustavo Kuerten mantém a cabeça encostada neles, aos prantos. O soluço é nítido, embora não consigamos ver seu rosto, encoberto pelas mesmas mãos que já trouxeram tantas alegrias ao Brasil. O som do motor do Gol parece despertá-lo. Guga limpa os pômulos úmidos num guardanapo, vira uma dose de whisky japonês e levanta num solavanco. O grandalhão de *dread* está gritando com os garçons novamente. Nosso carro parte. Nós

EFEITO MANDELA



A história documentada – a Wikipedia não nos deixa mentir – afirma que Nelson Mandela, o icônico líder sul-africano, morreu em 2013, graças a algumas complicações num processo de infecção respiratória. Mas Fiona Broome, investigadora paranormal, acredita em uma outra versão — ela e também um sem-número de pessoas ao redor do mundo.

Fiona tinha plena certeza de que Mandela havia falecido numa prisão em Joanesburgo, ainda na década de 1980. Ao tomar conhecimento da morte “oficial”, Fiona ficou um pouco impressionada, pois lembrava dos detalhes do evento *back in the eighties*: a comoção em torno do funeral, alguns focos de revolta pela África. A princípio ela pensou apenas ter se confundido com algum outro falecimento da época, mas acabou descobrindo que muita gente (completos desconhecidos entre si) tinha a mesmíssima lembrança, com a mesma riqueza de detalhes.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Nelson_Mandela

A moça passou a desenvolver, então, uma teoria chamada **The Mandela Effect** (“Efeito Mandela”, em bom português). Consiste, basicamente, numa coisa chamada realidades alternadas. A ideia é que nenhuma das duas afirmações estaria incorreta. Nelson Mandela morreu DE FATO nos anos 1980, encarcerado, mas em algum momento essa realidade se fundiu a uma outra, em que Mandela viveu até os 95 anos, em 2013.

<http://mandelaeffect.com>

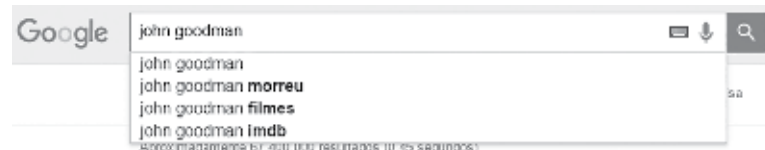
Ao começar a divulgar essa ideia por aí, Fiona descobriu inúmeros outros casos de “equívocos” populares. No site oficial do Mandela Effect você encontra uma lista com vários deles, como pessoas que afirmam que os Estados Unidos possuíam 52 estados (e não 51, como está documentado hoje), outras que lembram de Nicolas Cage protagonizando o filme K-PAX (o ator principal nessa linha do tempo é o Kevin Spacey). Tem até gente que, pasmem, afirma com toda a certeza que Freddie Prinze Jr. e Sarah Michelle Gellar teriam tido um filho em meados de 2003.



(tudo bem você não lembrar dele, mas ela sempre será a nossa Buffy, a Caça-Vampiros)

A maioria das pessoas descreve um sentimento de extremo desconforto ao descobrir a versão oficial documentada das coisas, como se algo estivesse *errado* com o mundo. Fiona Broome gosta de deixar claro que, na verdade, está tudo bem: é assim que sempre foi, e isso não é um problema. E se você tiver alguma dessas histórias de certezas derrubadas, publique lá no mandelaeffect.com. Ela lê tudo, e inclusive responde à maioria.

Esperamos que agora você deixe de julgar aquele amigo que pergunta “ué, mas como filme novo do John Goodman se ele morreu faz uns dez anos?”. Talvez ele não tenha bebido demais (nem feito uso de quaisquer outras substâncias que alteram a consciência) e esse seja apenas mais um exemplo do Mandela Effect.



Se liga na segunda sugestão de busca do próprio Google...

5. Institucionalização

Lucas Sanches Lima

Começo com uma pergunta: fala de amor quem fala em eu ou em nós?

Prossigo: eu amo, ou nós nos amamos? E ainda: se não sou capaz de definir meu “sou?”, seria ao menos possível delimitar aquilo a que afirmo pertencer? Das instituições que integro, então, é possível obter substância?

Do fantasma da mão invisível do Estado ao grupo da família no WhatsApp, portanto, é possível síntese na minha identidade? Afinal, se *videor ergo sum* (ou até mesmo no paradigma similar *esse is percipi*, de Berkeley), posso existir entendendo-me como um todo?

Daí, uma das mais preciosas contribuições da ontologia orientada ao objeto como procedimento epistemológico: a tentativa de prosaicamente significar o mundo se dá em detrimento da sensação do imparafraseável. Há um abismo entre dizer “sei-me amado” e “sinto-me amado”. O deprimido, por exemplo, racionalmente concebe o amor dos genitores, mas pode ser incapaz de senti-lo e substanciá-lo, no sentido de atribuir, perceber substância.

Nos meandros da homogeneização das relações, como é possível que haja hierarquia entre dois indivíduos ou entre o indivíduo e o grupo? Se creio ser especial, mas não sou onipotente para fazer do mundo aquilo que creio, basta que mais um se pense especial para que tenhamos de ser todos “especiais à nossa maneira”. Repete-se: quem sorri sempre, sorri nunca — se somos todos especiais...

Essa conectividade transparente, nas palavras de Byung-Chul Han[1],

limita a experiência intersubjetiva à estética do liso[2], que presume a impossibilidade da experiência do belo como vinculação[3], de modo que o aspecto sentimental da existência, o sentir complexo e inarticulável dos sentimentos, perde espaço ao sensorial do ver, do consumir.

O *videor ergo sum* presume a narrativização das experiências individuais e coletivas, fazendo com que exista menos, ou inexistia, aquele (indivíduo ou grupo) que é menos (visto). O cerne do problema vem à tona quando se percebe que, apesar de conseguir existir assim “para o outro”, o existente é incapaz de existir também para si, pois depende mais do outro do que de si para existir. Existir-para-si no *videor ergo sum* requer invariavelmente a mediação quantificável, plana, transparente do espaço digital, publicizável.

Logo, o indivíduo e as instituições que compõe são produtos ultrahistóricos das narrativizações de características como identidades. Devem, enfim, as identidades multifacetadas. É possível ser, para quem o é, padre e fiel, ser padre e amante, ser amante e fiel. Entretanto, na narrativa do dogma — e até mesmo na da profanação —, é impossível ser simultaneamente padre, amante e fiel (a deus), já que a identidade de fiel sujeita-se à narrativa do dogma e, por mais que o padre-amante verdadeiramente creia, não se pode justificar fiel a partir da justaposição destas três faces de sua identidade. Some-se isto às facetas filho, irmão, amigo, jogador de bola, professor, etc., revela-se impossível parafrasear a

existência — esse “ser” ou até ser-aí (*Dasein*) — num escopo narrativo.

Existir “verdadeiramente”, neste caso, presumiria fazê-lo alguém da própria identidade, existir verdadeiramente devém o paradoxo que é manifestar o próprio anonimato, e esse anonimato manifesto pode ou não ser percebido por um outro — o fato é que o anonimato, por imanifestável, põe-se simultaneamente ao eu-que-pondo e ao outro-que-nota.

Uma instituição, portanto, se pensada de maneira narrativa — descritiva, “científica” —, deveria sofrer a análise de sua forma sintética da seguinte maneira: sua decomposição em forma de descrição de todas as relações que estabelece com seus indivíduos- e instituições-componentes e ainda a decomposição descritiva das relações e inter-relações que estes, indivíduos-componentes e instituições-componentes, comprimem em suas pressupostas identidades. Ou seja, seria necessária uma redução infinitesimal das relações e inter-relações de cada padre-amante-fiel-irmão-amigo-et al. com cada $x-y-z-x+1$ que há na equação.

Tal maneira monista de pensar pressupõe a explicabilidade e a compreensibilidade do universo pelas faculdades intelectuais humanas e ignora aquilo que — mais do que saber — se sente como fato e inquestionavelmente: o sentimento. Daí, a necessidade de uma filosofia que se constrói lírica, que tece, para além da narratividade, a lógica: fá-lo sentimental e líricamente.



O definir das coletividades materiais, das instituições e da cultura, como um todo, são sintomas da tentativa de anular as negatividades do mundo. E essa positivação que rumo à transparência homogênea da cultura pop contemporânea, por exemplo, se manifesta na sociedade paradoxalmente na hiperdiferenciação que almeja encontrar o que há de único no mesmo. “Meu estilo é”, “meu grupo é” e até “meu gênero é” são procedimentos de positivação velados que, por maior valor político que possam ter no que disser respeito aos direitos humanos no seu patamar jurídico, epistemologicamente reforçam a sintropia capitalista por serem procedimentos que têm a si próprios como fim, de maneira que, uma vez realizados, “conquistados”, se esvaem — e as lacunas que legam ao mundo preenchem-se de produtos e oportunidades de mercado para quem quiser vender a este nicho, até que ele próprio, enfim, devesse parte da cultura pop ou “cultura geral” — dentre os quais vale reforçar o melhor exemplo até hoje: a “pornografia feminista”.

Logo, esta narrativização da identidade permite apenas um “somos todos especiais à nossa maneira” que não satisfaz ou sequer é capaz de alterar o *status quo*. Positivam-se as experiências, então, narrativamente, e a conquista política e humanitária se dá em troca de capital a um mercado que nada dá — tudo tem seu preço. A ludicidade do jogo narrativo, em última instância, fora apropriada pela máquina cultural, e a tecnologia, sua maior e mais eficiente ferramenta, permite que a sociedade desvende o fundo do oceano e as margens do universo — desde que seja capaz de justificar suas ações com “pragmáticos” utilitários.

A arte e a filosofia, portanto — ao menos grande parte delas —, perdem espaço na cultura, porque não servem necessariamente para nada. Se não se trata de uma obra de arte ornamental,

autoajuda ou de entretenimento, os pragmáticos da arte e da filosofia passam como gratuitos (literalmente destituídos de valor monetário) para a máquina capitalista. A única maneira que resta para fazê-las justificáveis é, enfim, narrativizar o desejo que se tem por elas, transformando-as, assim, em produtos.

O percurso sisífico que se pode trilhar nos meandros da máquina calca-se de périplos o suficiente para que tudo se possa estabelecer como conflito narrativo, de modo que tudo devesse conquista e, por fim, seja equiparável à gratificação. Uma a uma, então, as conquistas vão se metamorfoseando em posses, e tudo, aí, devém quantificável, vendável — e, finalmente, todos têm de pagar o preço.

[1] HAN, B. **Sociedade da transparência**. Editora Vozes, 2017.

[2] _____. **A salvação do belo**. Editora Vozes, 2019.

[3] _____. **A salvação do belo**. Editora Vozes, 2019, p. 113.

LEIA UM TEXTO,
ESCUTE UM PODCAST.
ALGUMLUCAS.COM

acontece nos livros
um canal dedicado à literatura
inscreva-se e mergulhe no universo literário.
zagreusw
acontecenoslivros
noslivros
acontecenoslivros@gmail.com

editora penalux
Penalux
Porque livros iluminam
www.editorapenalux.com.br
originais@editorapenalux.com.br

LIVRARIA
PARÁ.GRAFO
QUER CONHECER UM POUCO
DA LITERATURA PRODUZIDA
NO NORTE DO BRASIL?
A LIVRARIA PARÁ.GRAFO
É ESPECIALIZADA EM ESCRITORES
E ESCRITORAS PARAENSES.
WWW.E-PARAGRAFO.COM.BR

O sapo-boi

Fernanda Dante

Antônio Delfim Netto é o mais célebre economista vivo do Brasil.

Em seus 90 anos de vida, escreveu muito sobre economia nacional.

E foi além: escreveu sobre a economia brasileira com seus próprios dedos, como foi a escrita dos Dez Mandamentos na pedra, e com as próprias mãos, como um padeiro. Delfim Netto (mais assemelhado a um sapo-boi do que a um golfinho, característica que iremos reforçar doravante) foi aluno e professor da USP, cumpriu mais de um mandato como deputado por São Paulo, publicou inúmeros livros, mas o que poucos sabem é que a sua obra de maior destaque é proveniente do ramo da confeitaria.

Confeitaria e economia foram reunidas por Sapo-boi de maneira tão insuperável que sentimos seus efeitos até os dias atuais. A receita improvável foi viabilizada pelos nossos militares. Como assim? Delfim Netto integrou a equipe econômica da ditadura militar da década de 1960, período em que o Brasil passava por um processo de industrialização que deveria trazer crescimento econômico.

Sapo-boi lançou mão de suas habilidades culinárias e transformou a economia em um grande bolo. Botou fermento na economia e ela cresceu. Todavia, tal crescimento não se traduziu numa melhora na renda e na vida da população; ao contrário, intensificou o abismo social entre

uma pequena parcela (10%) da população que detém 50% da renda do país. Os outros 50% são disputados a tapa pelos outros 90% habitantes menos privilegiados.

Aí o Sapo-boi sabiamente explicou que, primeiramente, o bolo (renda do país) precisa crescer para depoooooooois ser dividido. Na lógica da culinária, o raciocínio está correto, a gente prepara o bolo, assa, corta em pedaços e distribui. Na lógica da economia, o bolo cresceu, mas estamos há mais de 30 anos aguardando o corte e a distribuição dos pedaços. Deve ser porque o bolo ainda está quente.



Com alegria, a Editora Estronho lança o livro *Contradança*, de José Vecchi de Carvalho. Os contos são instigantes não somente pelas histórias, mas pela forma que o autor narra fatos corriqueiros para lançar luz em questões importantes do mundo contemporâneo. Leia um dos contos nessa edição.

Para adquirir um exemplar, vá à loja virtual da Editora Estronho. O livro está disponível também na Amazon (físico e ebook).

www.lojaestronho.com.br

CONVOCATÓRIA PARA AUTORAS/ES EMERGENTES

#textosnaquarentena:
publicação de antologia

ensaio, poesia e prosa.

www.oribeeditorial.com.br



O Adidas e o Comunista

Arzório Cardoso

Aquele foi um dia que já começou pesado.

Como estava garoando, não fui, como de costume, trabalhar de bicicleta. Fui de busão mesmo. (¡busão! Quantas histórias...) E como estava friozinho (sim, aqui no Paraná em outubro faz frio), vesti uma blusa. Escolhi aleatoriamente (certamente a Psicologia discordaria dessa afirmação) minha blusa novinha cuja estampa ostenta em letras garrafais a singela e inofensiva sigla da antiga e extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Blusa vermelha, com o CCCP, a foice, o martelo e tudo mais. (¡Outubro Vermelho! pensei depois). Não que eu seja comunista (não me tornei samurai quando usava coque samurai), mas certamente a peça de roupa diz algumas coisas sobre as inclinações e a visão de mundo do proprietário (!). Mas o que aconteceu foi que levei uma firme encarada de um cara assim que passei a catraca. Encarada feia, quase deu medo.

Tive plena certeza, nestes tempos bipartidos como a língua das cobras, de que a motivação da encarada era a blusa. Tive certeza também de que não iria ficar só na encarada. E não ficou. O cara me percorreu de cima a baixo, lentamente. Fixou os olhos no meu tênis e, como quem acredita finalmente ter encontrado um ponto fraco no adversário, não se conteve. Sorriu um sorriso pretensiosamente irônico e soltou:

– Comunista de Adidas...

Pensei que não podia levar na pasta do colégio um desaforo desses,

de alguém que não me conhece, de alguém que obviamente não fazia ideia do que estava dizendo (embora tivesse certeza da genialidade da frase), e com o agravante de ser justo no dia do meu aniversário. Como um tenista em plena forma (já que o papo era sobre tênis), devolvi:

– Não, fera. ¡Comunista de coletivo!

Não sei se o camarada entendeu (pelos resmungos, não), mas eu desci do ônibus sorrindo, e com o firme propósito de passar numa loja e comprar uma camiseta do Che. E um charuto...

Aliás, de tanto que qualquer coisa hoje é chamada de comunismo, imaginei um mundo em que até a palavra “coisa” fosse substituída pela palavra “comunismo”. Dá-lhe:

Olha que comunismo mais lindo mais cheio de graça. Não quero lhe falar, meu grande amor, dos comunismos que aprendi nos discos. Mas se ela voltar, se ela voltar, que comunismo lindo, que comunismo louco. Algum comunismo acontece no meu coração, que só quando cruzo a Ipiranga e a Avenida São João. Amarás a Deus sobre todos os comunismos. O homem é a medida de todos os comunismos. Há mais comunismos entre o céu e a terra do que sonha a vã filosofia. Um comunismo é um comunismo, outro comunismo é outro comunismo. Encontrará lavrado o campo, a casa limpa, a mesa posta, com cada comunismo em seu lugar. Mas os comunismos findos, muito mais que lindos, esses ficarão.

E, para mim, a melhor de todas: Existem comunismos que o dinheiro não compra. Para todos os outros existe Mastercard. ¿Que comunismo, hein!?

Contei primeiramente a história do ônibus por ter acontecido no dia de meu aniversário. E por ter acontecido primeiro. Mas teve uma outra, melhor, pois se é bem verdade que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, é só porque na segunda vez o raio é outro.

Eu percorria de bicicleta, sem muita pressa, os 6 km diários entre o trabalho e minha casa. E com a já lendária blusa vermelha. Ao parar num semáforo, percebi que um sujeito (¡ómi e branco!) baixou o vidro do carrão parado ao meu lado. O incidente do ônibus teve como um dos efeitos fazer eu me preparar para situações semelhantes, cada vez mais comuns neste país ensandecido. Tive certeza, novamente, pelo rosto desfigurado da figura, que a coisa ia ser comigo.

De dentro de seu escudo de vidro e lata, o ómi branco começou a esbravejar inteligências do tipo “¡seu comunista safado! ¿Por que não vai pra Cuba, que é teu lugar? ¡Vai pra Venezuela!”, num tom pretensiosamente furioso, mas que soava esganiçado e quase engraçado.

Não há o que responder a um sujeito desses. Palavras servem muito melhor a outros propósitos. Por outro lado, baixar a cabeça e seguir como se nada tivesse acontecido estava e está fora de cogitação. Não dá. Pode até

ser uma boa opção. Provavelmente seja a melhor. Provavelmente seja a mais lúcida e segura. Mas não é a mais prazerosa. Acionei, então, a estratégia previamente traçada que me propusera a acionar caso novamente acontecesse o que novamente estava acontecendo. Se é guerra de guerrilha o que querem, pois que estejam preparados.

Levei o dedo indicador até a altura da boca. Passei a língua na ponta. Levantei a blusa lendária e vermelha. Fiz um carão irresistivelmente sexy (se é pra ser duro, que seja com ternura). E, com lentos e estudados movimentos circulares, passei o dedo em meu mamilo. Esquerdo.

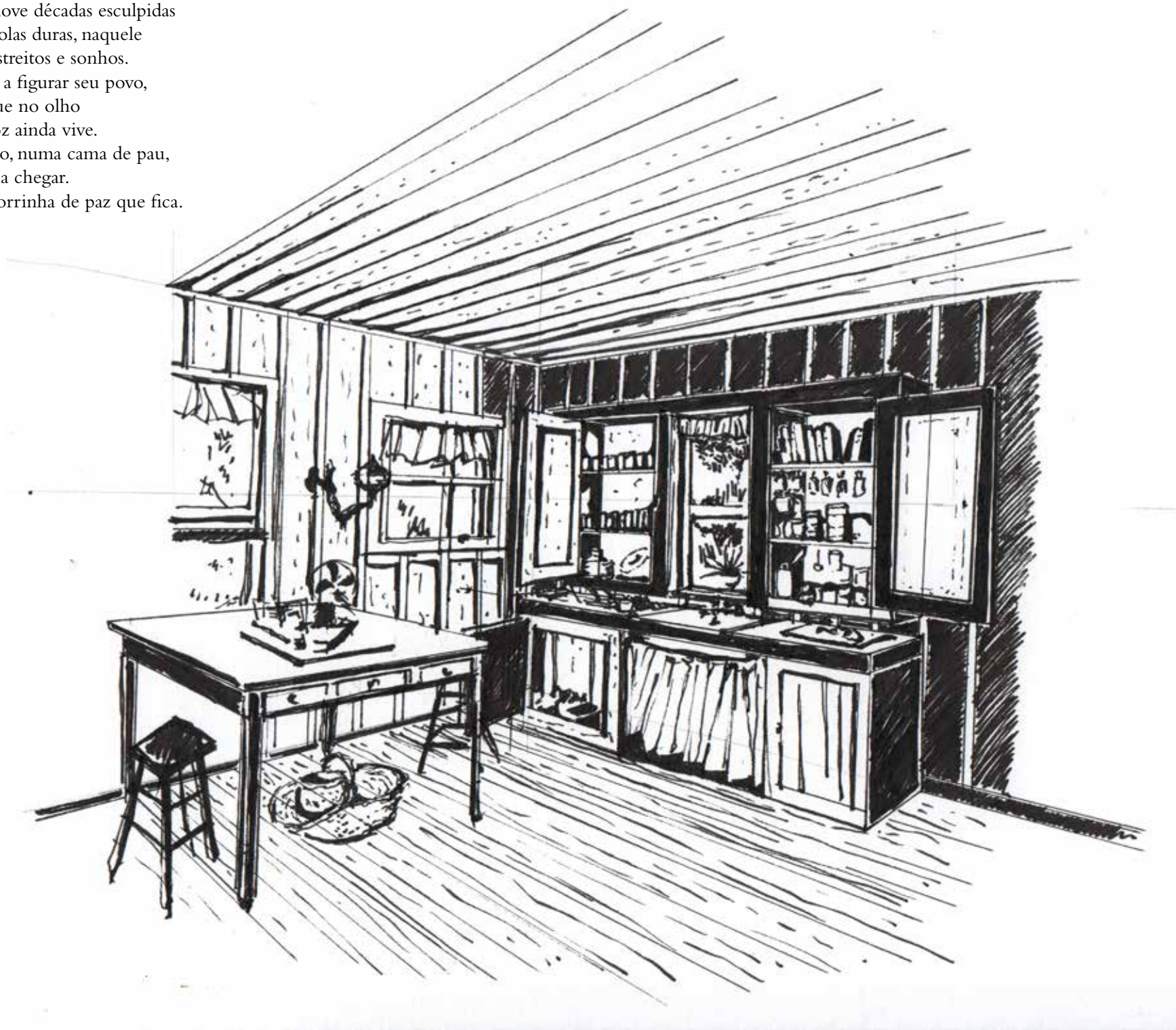
O sujeito ómi esmurrou o volante e gritou lá de dentro mais alguma coisa ininteligível, mas eu já tinha me posto em marcha, pedalando rumo ao trabalho, livre e feliz, e pensando em por que caralhos os mamilos — destros ou canhotos — são tão polêmicos.

O sujeito e seu carrão ficaram lá atrás. Presos no vermelho.

Tiago D. Oliveira

Poemas integrantes de As solas dos pés de meu avô, Editora Patuá, 2020

i.
é pelos pés de meu avô que entendo a vida.
morto de cima de nove décadas esculpidas
nas rachaduras das solas duras, naquele
mesmo quarto de estreitos e sonhos.
caminho nos cascos a figurar seu povo,
na herança do sangue no olho
que o eco de sua voz ainda vive.
é pelos pés do morto, numa cama de pau,
que vejo a luz do dia chegar.
o choro, a reza, a morrinha de paz que fica.



ii.
meu pai chegou à capital menino. de domingo
a domingo perdeu o que hoje não consegue mais lembrar.
veio para tentar a vida e ficou – foram as primeiras frases
que li naquelas solas duras de pés juntos, como os de quem reza.
era o título de um texto que continuava – depois fui eu
a partir para Lisboa em busca da manilha e o libambo que idealizei.
ecos em silêncio vindos de outra existência, idas de 1800, ou não,
ou de um *call center*, atendendo às ligações e sendo mandando de volta
a cada três minutos, recebendo ecos de outras partidas.
quando meu pai veio para a capital tinha a metade de mim,
a outra descobri quando retornei de Portugal.
há mais ou menos quarenta anos ele chegava,
após quatro eu voltei para o Brasil.
as rachaduras nas solas duras de meu avô
escreveram estas palavras também.

xxxvi.
quando a lágrima caiu dos olhos
de meu pai sobre a terra,
erigiu no tempo a marca
dos homens Oliveira.
desde o menor impresso ao último,
de uma vida abafada por vida.
a lágrima de meu pai fundou
o corpo morto de meu avô.
depois, de um punhado de terra,
dignificou a sua alma
[vai com o pai, meu pai
e lançou à eternidade a permissão
para o comer de sua carne.
manezinho, morto de cima de nove décadas
esculpidas de sol a sol, nas solas
suas com a terra que a todos consola
[que morrer de vida não é para entristecer.



Compre o e-book de Amador Madalena Maia e ganhe uma Bíblia exclusiva acessando o blog www.bibliapassoapasso.blogspot.com
Ou entre em contato com o autor via amadormaia@gmail.com

(31) 986129688

R\$5

Para comprar o ebook acesse: www.hotm.art/tLUOWo
www.concursosdeculturacienciaetecnologia.blogspot.com

Venha para a Estante Distópica

Por:  [@elrafa.lit](https://www.instagram.com/elrafa.lit)  [@felixliteratura](https://www.instagram.com/felixliteratura)

O que é:
Curso / leitura coletiva sobre distopias clássicas;
Um livro por mês.

Como funciona:
Grupo fechado no WhatsApp;
Conteúdo em vídeo, áudio e texto;
2 lives mensais;
conteúdos e debates bônus!

Livro de Outubro: Fahrenheit 451

CONTATO:  estranhoescritorio@gmail.com







canalsonoro



canalsonoro

Obrigado a todos que passaram por nossas páginas nestes dez anos de publicação.

Abraham Bosse
Ade Souza
Adelaide Ivánova
Adélia Maria Woellner
Adélia Woellner
Ademir Demarchi
Adnelson Campos
Adri Aleixo
Adrian Lincoln
Adriana Aleixo
Adriana Brunstein
Adriana Lisboa
Adriana Sydor
Adriana Zapparoli
Adriane Garcia
Adriano Barros
Adriano Feitosa
Adriano Scandolara
Adriano Smaniotto
Adriano Wintter
Afonso Campos Rocha
Afonso Caramano
Ágata Carolis
Ágatha Santos
Ágnes Souza
AGP
Ailime Kamaia
Airton Souza
Alan Amorim
Alanna Ajzentel
Alberto Arecchi
Alberto Bresciani
Alberto Lins Caldas
Aldenor Pimentel
Ale Ruaro
Alejandra Pizarnik
Alessandra Barbosa Adão
Alessandra Freitas
Alessandra Tozi
Alex Azevedo Dias
Alexandra Barcellos
Alexandra Vieira de Almeida
Alexandre Cardinal
Alexandre Cintra de Moraes
Alexandre Cossenza
Alexandre Costa
Alexandre de Maio
Alexandre Fernandes
Alexandre França
Alexandre Guarnieri
Alexandre Guerra
Alexandre Kovacs
Alexandre Kramer
Alexandre Stresser
Alez
Alfredo Braga
Algun Lucas
Alice Coelho
Alina Proschmann
Aline Lima
Aline Moraes
Aline Reis
Aline Valek
Alirio Karina
Allan George
Almandrade
Almir Correia
Altair de Oliveira
Alvaro Borba
Alvaro Posselt
Amanda Bacilla
Amanda Coutinho
Amanda Longo
Amanda Lopes
Amanda Pimenta
Amanda Queiroz

Amanda Souza
Amanda Tintori
Amanda Vital
Amara Moira
Ana Carolina Freitag
Ana Clara de Britto Guimarães
Ana Elisa Ribeiro
Ana Farrah Baunilha
Ana Figueiredo
Ana Flávia Magalhães Pinto
Ana Freitag
Ana Guadalupe
Ana Iris
Ana Lessa-Schmidt
Ana Lúcia Vasconcelos
Ana Luiza Gonçalves
Ana Martins Marques
Ana Moraes
Ana Paula Maia
Ana Paula Málaga
Ana Paula Oliveira
Ana Peluso
Ana Priscila
Ana Rüsche
Anderson Gonçalves
Anderson Maschio
Anderson Resende
André Ambonatti
André Barcinski
André Cáceres
André Caliman
André Comte-Sponville
André Dahmer
André de Leones
André
André Knewitz
André Mellagi
André Niemczyk
André Packer
André Petrini
André Rocha
André Rodrigues
André Sant'anna
André Siqueira
André Villani
André Volpato
Andrea del Fuego
Andrea Holcberg
Andréa Moraes
Andréa Motta
Andrei Ribas de Jesus
Andréia Carvalho
Andréia Carvalho Gavita
Andressa Barrichelo
Andrey Kutchma
Andri Carvão
Angélica Freitas
Angélica Maria
Anna Akhmátova
Antoine Compagnon
Antonio Aílton
Antonio Carlos Secchin
Antonio Carlos Senkovski
Antonio Cescatto
Antonio Geraldo da Silva
Antonio Gomide
Antônio Lazzulli
Antonio Miranda
Antônio Torres
Ariadne Grabowski
Arnaldo Branco
Arthur Tertuliano
Arzírrio Cardoso
Assionara Souza
Assis de Mello
Augusto Meneghin

Aurora Fornoni Bernardini
Azis Nesim
Bárbara Lia
Beatriz Bajo
Beatriz Cajé
Beatriz Lourenço
Bebeti do Amaral Gurgel
Belisa Pelizaro
Bellé Junior
Benedito Costa Neto
Benett
Ben-Hur Demeneck
Benjamin Ganubla
Berenice Sica Lamas
Bernardo Beledeli Perin
Bernardo Lins Brandão
Bertolt Brecht
Beto Pacheco
Bianca Cardoso
Bianca Lafroy
Bianca Ogluari
Bianca Tech
Binyavanga Wainaina
Bioque Mesito
Bolívar Escobar
Boris Pasternak
Braitner Moreira
Braz Chediak
Breno Peralta
Bruna Meneguetti
Bruna Mitrano
Bruna Motta
Bruno Barcelos
Bruno Meireles
Bruno Mendonça
Bruno Molinero
Byron Vélez Escallón
Caco Menegaz
Caetano W. Galindo
Caio Beltrão
Caio Kim
Caio Paraguassu
Caio Souza Nascimento
Caio Túlio Costa
Caito Mainier
Cami Nicolellis
Camie van der Brug
Camila Cassins
Camila de Oliveira
Camila Ribas
Camila Rodrigues
Camila von Holdefer
Camilla Canuto
Camilla Tedesco
Camillo José
Carina Carvalho
Carina Castro
Carina Gonçalves
Carla Carbatti
Carla Carvalho Alves
Carla Cursino
Carla Diacov
Carla Dias
Carla Kinzo
Carlos Careqa
Carlos Dala Stella
Carlos Davissara
Carlos Eduardo Marcos Bonfá
Carlos Emílio Corrêa Lima
Carlos Henrique Schroeder
Carlos Machado
Carlos Pegurski
Carlos Pessoa Rosa
Carlos Silva
Carol Araujo
Carol Belmondo
Carol Damião
Carol Jamhour
Carol Rodrigues
Carol Zanelatto
Carolina Calixto
Carolina Degrazia
Carolina Goetten

Carolina K. Facchin
Carolina Tinoco
Caroline Lemes
Carvalho Júnior
Casa Artes Visuais
Cassio Oliveira
Cassyano Correr
Cauli Fernandes
Cel Bentin
Célia Cris Silva
Celso Alves
Celso Augusto Uequed Pitol
Cesar Felipe Pereira
Cezar Tripadalli
Cezar Ubaldo
Charles A. Perrone
Charles Marlon
Chico Guil
ChiuYi Chih
Christiana Nóvoa
Christiane Angelotti
Cid Brasil
Cilene Tanaka
Cindy Carlos
Cinthia Kriemler
Cintia Aleixo
Cipriano Barata
Ciro Otávio
Claire Feliz Regina
Clara Averbuck
Clara Baccarin
Clara Colemonts
Clara Novais
Clarissa Comin
Clarissa Macedo
Claude McKay
Cláudia Fraga
Claudia Lopes Borio
Claudia Regina Camargo
Claudia Roquette-Pinto
Cláudia Sater
Cláudio Bettega
Claudio Daniel
Claudio Parreira
Claudio Rosa
Claufe Rodrigues
Cléo Busatto
Cleverson Antoninho
Coletivo Arbus
Conceição Campos
Conde Baltazar
Consolação Soranço Buzelin
Costa Neto
Cristiano Castilho
Cristina Bresser
Cristina Judar
Cristina Seciuk
Dalcídio Jurandir
Dan Fante
Dan Porto
Daniel Batista de Siqueira
Daniel Bovolento
Daniel Caldeira
Daniel Castro
Daniel Faria
Daniel Francoy
Daniel Galera
Daniel Imaeda
Daniel Lopes Guaccaluz
Daniel Martini
Daniel Mazza
Daniel Mittmann
Daniel Osiecki
Daniel Perroni Ratto
Daniel Prestes da Silva
Daniel Silveira
Daniela Delias
Daniela Mountian
Danilo Augusto
Danilo Brandão
Danilo Georgete
Dany Laferrière
Darlene Dallarmi

Davi Boaventura
Davi Kinski
David Cartes Alves
David Holcberg
Dayane Ferreira
Dê Almeida
Dê Almeida
Dédallo Neves
Demétrio Panarotto
Demetrios Galvão
Denise Bottmann
Denize Francisca da Silva
Diana Joucovski
Diego Antonelli
Diego Callazans
Diego Franco Gonçalves
Diego Lopes
Diego Marcell
Diego Moraes
Diego Zerwes
Dinovaldo Gilioli
Diogo Batalha
Dolores Del Fuego
Donaldson M. Garschagen
Donny Correia
Dori Caymmi
Dorothea Lasky
Douglas Lobo
Douglas Scirea
Dox
Drago Štambuk
Duda Rangel
Dylan Thomas
Eder Alex
Éderson Cesconetto
Edilson Pereira
Edison Veiga
Edivaldo Ferreira dos Santos
Edna Rojane Druciak
Edra Moraes
Edson Godinho
Edson Rossatto
Edu Hoffmann
Eduard Traste
Eduarda Vidal
Eduardo Brandão
Eduardo Canesin
Eduardo Fernandes
Eduardo Lacerda
Eduardo Macarios
Eduardo Silveira
Eduardo Sterzi
Efraim Rodrigues
Elaine Stankiewich
Eliane Brum
Eliane Pereira
Eliane Potiguara
Elisa Dot
Elisandro Dalcin
Elise Cowen
Elisson Silva
Eliziane Nicolao Pacheco
Ellen Maria Vasconcellos
Eloi Zanetti
Elstor Hanzen
Eltânia André
Elton Mesquita
Elvis Ferreira
Emanuela Siqueira
Emanuelle Rosa
Emerson Fernando da Silva
Emerson Pereti
Emerson Persona
Emil Cioran
Emily Dickinson
Emmanuel Santiago
Enaiê Azambuja
Enrico Boschi
Enrique Cavallini
Eric Sponholz
Érica Zingano
Erickson Cruz
Erik Nascimento

Érika Batista
Eriksson Denk
Erne... O Colono
Ernesto von Artixzffski
Estela B
Estela Rosa
Ester Gehlen
Eti Pellizzari
Eva Parisi
Evandro Alves Maciel
Evandro Torezan
Evandson Sousa
Evanilton Gonçalves
Eve Ferretti
Evelyn Bueno
Ezequiel Moura
Ezequiel Zaidenweg
Fabiano Calixto
Fabiano Favretto
Fabiano Vianna
Fábio Bito Teles
Fabio Breinack
Fabio Cyrino
Fábio Henrique Pupo
Fábio Maciel Pinto
Fabio Ramos
Fabio Rrocha
Fábio Tokumoto
Fabio Weintraub
Fabiola Weykamp
Fabrício Carpinejar
Fabrício dos Santos
Farley Rocha
Faustino da Rocha Rodrigues
Fausto dos Santos Amaral Filho
Felipe Américo Moraes
Felipe Belão
Felipe Cordova
Felipe Franco Munhoz
Felipe G.A Moreira
Felipe Gollnick
Felipe Gomes
Felipe Kryminice
Felipe Melhado
Felipe Pauluk
Felippe Aníbal
Fellipe Gaio
Fernanda Anacleto
Fernanda Benini
Fernanda Cercal Odppes
Fernanda Fatureto
Fernanda Novaes
Fernanda Pinho
Fernanda Rodak
Fernanda Wojcik
Fernando Antônio Fonseca
Fernando Correia
Fernando Koproski
Fernando Mad
Fernando Martins Almeida
Fernando Meligeni
Fernando Rocha da Silva
Filipe Brito
Filipe De Gaspari
Flavia Calise
Flávia Marks
Flávia Proença
Flávia Schiochet
Flávio de Castro
Flávio Esteves
Flavio Gomes
Flavio Jacobsen
Flávio Landolpho
Flávio Stein
Flora Rocha
Foca Cruz
Fran Ferreira
Francesca Cricelli
Francine Porfirio
Francis Beheregaray
Francis Rodrigues
Francisco Ricardo
Frankétienne

Fred Gazzola	Hadna Abreu	Joana Espain	Jussara Salazar	Luciany Aparecida	Marcus Matumoto
Frederico Demarca	Hannah	Joana Leuenroth Hime	Kamila Behling	Lucília Alencastro	Margareth Rago
Frederico Garcia Fernandes	Hans Ulrich Gumbrecht	Joana Pupo	Kamila Oliveira	Lúcio Autran	Mari Inês Piekas
Frida Kahlo	Hardy Guedes	Joanne Kyger	Karen Debértolis	Lucio Barbeiro	Mari Quarentei
Furio Lonza	Hart Crane	João Alexandre	Karen Matias	Ludmila Oze	Maria Barbieri
Gabito Nunes	Heitor Humberto	João Anzanelo Carrascoza	Karina Kuschnir	Ludmila Rodrigues	Maria C. S. Bertoli
Gabriel Bicho	Heliana Grudzien	João Arthur	Katia Horn	Lui Wolff	Maria Carolina
Gabriel Daher	Hélio Ferreira	João Arthur P. Gral	Kely Kachimareck	Luís Augusto Cassas	Maria Carolina de Bonis
Gabriel Daros Lourenço	Heloísa Karina Costa	João Debs	Kleber Albuquerque	Luis Cernuda	Maria Carolina Lippi
Gabriel Pondé	Heloísa Pintarelli	João Felipe Gremski	Kleverson Mariano	Luís Costa	Maria Carolina Pereira Jorge
Gabriel Protski	Henrique Fendrich	João Foti	Krishnamurti Góes dos Anjos	Luis Dill	Maria Cecilia Coutinho
Gabriel Rachwal	Henrique Martins	João Francisco Paes	Laercio Silva	Luís Guimarães	María de El Salvador (tradução)
Gabriel Resende Santos	Henrique Noale	João Henrique Vieira	Laerte	Luís Henrique Pellanda	María Elena Blanco
Gabriel Santa Rosa Cavaresi	Henrique Pitt	João Luis Jr.	Laís Valério Gabriel	Luís Zavan	Maria Eugênia de Oliveira
Gabriela Carvalho	Herlon Fernando Gomes	João Macul	Lalo Arias	Luisa Geisler	Maria Fernanda Elias Maglio
Gabriela Clara Pignataro	Hillé Puonto	João Paulo Braune Guerra	Lara Amaral	Luísa Nucada	Maria Firmino dos Reis
Gabriela Coiradas Machado	Hilton Cruz	João Paulo de Carvalho	Larissa Cavalin	Luíse Bello	Maria Helena Lattini
Gabriela Pinheiro	Homero Gomes	João Paulo de Melo	Larissa Luz	Luiz Abdala Jr.	Maria Helena Morimitsu
Gabriela Saueia	Huggo Iora	João Paulo Matedi	Laura Athayde	Luiz Andrioli	Maria Lima
Gabriela Ventura	Hugo Simões	João Paulo Melo	Laura Beal Bordin	Luiz Arthur Montes Ribeiro.	Maria Luiza Artese
Gary Sullivan	Humberto Basso	João Pedro Amorin	Laura Carvalho	Luiz Arthur Pagani	Maria Mion
Gean Ferronato	Humberto Werneck	João Pedro Braun	Laura Cohen	Luiz Biajoni	Maria Moraes
Gelson Oliveira	Ian Lucena	João Pedro Teles	Laura Elizia Haubert	Luiz Cezar Soares	Maria Paraguaya
George Barbier	Iara Amaral	João Romova	Laura Folgueira	Luiz Claudio Oliveira	Maria Rosana Mestre
Georges Castera	Iara Ferreira	João Ubaldo Ribeiro	Laurene Desclaux	Luiz Eduardo Soares	Maria Valéria Rezende
Georgia Caroline	Ibn Fadlan	João Varella	Lázara Papandrea	Luiz Felipe Leprevost	Mariana Belize
Geraldo Lima	Igor DiCastro	Joca Reiners Terron	Leandro Alva	Luiz Fernando Bittencourt	Mariana Benevides
Germano Xavier	Igor Raduy	Joedson Adriano	Leandro Maia	Luiz Fernando Huf	Mariana Botelho
Gerusa Leal	Igor Zanoni C. Leão	Joel Gehlen	Leandro Silva	Luiz Guilherme Delenski Giublin	Mariana Caetano
Gilberto Marques	Ílan Bremnan	John Donne	Ledusha	Luiz Guilherme Libório	Mariana Cardoso
Giovana Godoi	Ilana Reznik	Jonas Oliveira	Lenore Kandel	Luíz Horácio	Mariana Godoy
Giovana Proença	Ildefonso Mello	Jonatan Silva	Leonarda Gluck	Luiz Otávio Prendin Costa	Mariana Ianelli
Giovani Kurz	Índigo	Jonatas Onofre	Leonardo Ávila	Luiz Rufatto	Mariana Ozuna Castañeda
Giovanna Lima	Inês Lampreia	Jonathan Mendes Caris	Leonardo Bonassoli	Luiz Taques	Mariana Paiva
Giovanni Boccacio	Ingrid O. de Barros Neves	Jonathan van Thomaz	Leonardo Hasper	Luiza Cantanhêde	Mariana Salomão Carrara
Gisele Barão	Ingrid Osternack de Barros Neves	Jordana Machado	Leonardo Moraes	Luna Loo	Mariana Sanchez
Gisele Borges	Iraci Gentile	Jorge Bandeira	Leonardo Oliveira	M.G. Barreto	Mariana Soletti
Gissele Chapanski	Iriene Borges	Jorge de Souza	Leonardo Stockler	Magalhães Junior	Marianna Camargo
Giuliana Albonetti	Isa Mayer	Jorge Emílio	Leonora Calzada Macías	Mah Zorek	Marianna Moraes Faria
Giuliano Quase	Isabel Sprenger Ribas	José Antônio Cavalcanti	Leopoldo Comitti	Maira Parula	Marie Primavera
Giuseppe Ungaretti	Isabella Glock	José Antonio Govatski	Letícia Copatti Dogenski	Mandi Coelho	Mariel Reis
Gizelli	Isabella Lanave	José Borges Neto	Letícia Palmeira	Manoel Carlos Karam	Mariela Mei
Gladston Holanda	Isabelle Culpí	José Castello	Letycia Bond	Manoela Quandt	Marilda Confortin
Glauber Shimabukuro	Isabelle Eller	José Eduardo Degrazia	Liana de Camargo Leão	Manolo Ramires	Márlia Garcia
Glauber Vieira	Isabelle Kolb	José Gaspar	Liana Leão	Mar Becker	Marília Kosby
Glauco Mattoso	Isabelle Lemes	José Marconi	Liber Paz	Marceli Mengarda	Marília Kubota
Gloria Kirinus	Isaura M. R. de Limas	José Marins	Lilian Aquino	Marcella Lopes Guimarães	Marilza Conceição
Gociente Patissa	Ísis Odara	José Miguel Wisnik	Lilian Guinski	Marcelo Aglio	Marina Dubia
Greg Jacques	Ismael Alencar	José Roberto Torero	Lima Trindade	Marcelo Alcaraz	Marineu
Gregório Bruning	Ismar Tirelli Neto	José Thomaz Brum	Límerson Moraes	Marcelo Damm	Mário Bortolotto
Gregory Polo	Ítalo Lima	José Vecchi de Carvalho	Lindevania Martins	Marcelo de Angelis	Mario de Alencar
Greicy Pinto Bellin	ItamarVieira Junior	Josette Garcia	Líria Porto	Marcelo Diniz	Mario Dominguez
Greta Benitez	Iuri de Sá	Joyce Johnson	Lis Del Barco	Marcelo Garcia	Mário GonDi Júnior
Guego Favetti	Ivan Ivanovick	Jr. Bellé	Lisa Alves	Marcelo Labes	Marlon O.
Guga Azevedo	Ivan Justen Santana	Judith Guest	Lisi Garlipp	Marcelo Lima	Maroel Bispo
Guido Viaro	Ivana Arruda Leite	Julia Bac	Liv Lagerblad	Marcelo Marchi	Marta Neves
Guilherme Barros	Ivana Podolan	Júlia de Carvalho Hansen	Livia Garcia-Roza	Marcelo Mirisola	Martina Sohn Fischer
Guilherme Brante	Ivone fs	Julia de Cunto	Lívia Inácio	Marcelo Piacecki	Martinho da Vila
Guilherme Bucco	Ivone M. Martins	Julia Godoy	Lobbo	Marcelo Pupo	Mary W.
Guilherme Dorigo Capriglioni	J.G. Pinheiro	Julia Raiz	Lourdes Teodoro	Marcelo Reis de Mello	Mateus Dourado
Guilherme Foscolo	Jack Metzengerstein	Júlia Zuza	Lourença Lou	Marcelo Sandmann	Mateus José Mineiro
Guilherme Giublin	Jacques Fux	Juliana Cândido	Lourenço Mouro	Marcelo Spalding	Mateus Marins Pina
Guilherme Gontijo Flores	Jacques Prévert	Juliana Coelho	Lu Cañete	Marcelo Torrone	Mateus Ribeirete
Guilherme Hummelgen	Jacques Roumain	Juliana Cunha	Luan Campos	Marcelo Wilinski	Mateus Senna
Guilherme Junqueira	Jadson André	Juliana Dacoregio	Luana	Márcia Arantes	Matheus Baz
Guilherme Klock	Jair Barbosa	Juliana Frank	Lubi Prates	Marcia Barbieri	Matheus Borges
Guilherme Mazzafera	Janaina Moraes	Juliana Krupp	Lucas Leite	Márcia Pfleger	Matheus Chequim
Guilherme Pupo	Jander Minosso	Juliana Lanzarini	Lucas Litrento	Márcia Schmaltz (tradução)	Matheus Lara
Guilherme Ribas	Jandira Zanchi	Juliana Meira	Lucas Lupatini	Márcia Széliga	Matheus Lopes Quirino
Guilherme Sobota	Jaqueline Godoy	Juliana Vallim	Lucas Mariano	Márcia Wayna Kambeba	Matheus Peleteiro
Guilhermo Codazzi da Costa	Jaques Brand	Juliane Moura	Lucas Perito	Márcio Davie Claudino	Matheus Rocha
Gustave Doré	Jarid Arraes	Juliano Bittencourt	Lucas Rolim	Marcio Rufino	Matheus Toniolo
Gustavo Dalaqua	JAX	Juliano Grus	Lucas Romano	Marco Antonio Santos	Mauren Kayna
Gustavo Fontes	Jean Foucault	Julio Almada	Lucas Silos	Marco Antonio Serafim	Mauri König
Gustavo Hessmann Dalaqua	Jean Wyllys	Júlio Damásio	Lucas Túlio	Marco Aurélio de Souza	Maurício Goldani Lima
Gustavo Jugend	Jeanie Bogart	Julio D'Avila	Lucas van Leyden	Marcos Barreto	Maurício Limeira
Gustavo Martins	Jeanne Callegari	Julio Ponce	Lucas Wisniewski	Marcos Beccari	Maurício Simionato
Gustavo Paes	Jediel Gonçalves	Julio Urrutiaga Almada	Lucas Zapparolli	Marcos Matumoto	Mauro Guidi-Signorelli
Gustavo Piqueira	Jeferson Bandeira	Julliana Bauer	Luci Collin	Marcos Monteiro	Maximilian Rox
Gustavo Vazquez Ramos	Jéss Carvalho	Julliane Brita	Luciana do Rocio Mallon	Marcos Pamplona	Mayara Clebsch
Gustavot Diaz	Jessica Lemos	Júnia Azevedo	Luciana Marinho	Marcos Prado	Maycon Ananias
Gutemberg Medeiros	Jeverson Machado do Nascimento	Jura Arruda	Luciano A.F. Pereira	Marcus Aurelius Pimenta	Mayli Colla
Guylherme Custódio	Jim Carbonera	Juscelino Neco	Luciano Giambarresi Ganho	Marcus Groza	Melissa Rocha Pita

Mia Couto	Paulo César Pinheiro	Renata Penzani	Sandrio Cândido	Tullio Sartini	Yan Lemos
Mia Macedo	Paulo Cleto	Renata Senna Garrafonti	Sandro Moser	Ubirathan do Brasil	Yasmin Bomfim
Michele Pupo	Paulo da Rocha Dias	ReNato Bittencourt	Sara Albuquerque	Ugo Vêa	Yasmin Nigri
Micheline Verunschik	Paulo de Assumpção Marques	Renato Faccini	Sara Timóteo	Uili Bergamin	Yasmin Taketani
Michelle Pucci	Paulo Gabardo	Renato Murakami	Sarah Bauer	Ulisses Malanski	Ygor di Castro
Miguel de Carvalho	Paulo Hecker Filho	Renato Rezende	Sarah Rebeca Kersley	Valdinéli Martins	Yohan B.
Miguel Pesch	Paulo Matos	Renato Vieira Ostrowski	Saulo Adami	Valentina Thibes Dalfovo	Yuri Al'Hanati
Miguel Sanches Neto	Paulo Sandrini	Ricardo Azevedo	Saulo Pessato	Valéria Parelho	Yuri Campagnaro
Mila Bastos	Paulo Scott	Ricardo Corona	Sebastião Nunes	Valquíria Luna	Zaclis Veiga
Milena Beduschi	Paulo Sposati Ortiz	Ricardo Domeneck	Sebastião Ribeiro	Vanessa Caspon	Zoe de Camaris
Miriam Adelman	Paulo Stucchi	Ricardo Escudeiro	Sérgio Faraco	Vanessa Rodrigues	
Moana Marques	Paulo Vallim	Ricardo H. Rodrigues	Sergio Lima	Vássia Silveira	
Monge Han	Paulo Venturelli	Ricardo Lísias	Sérgio Mamberti	Vera Neves Pedroso	
Morgana Adis	Paulo Victor Dias	Ricardo Mainieri	Sérgio Monteiro de Almeida	Vermelho Panda	
Morgana Rech	Paulo Vítola	Ricardo Miranda Filho	Sérgio Pichorim	Verônica	
Munique Duarte	Pedro Bomba	Ricardo Novais	Sérgio R. Santos Lopes	Verônica Daniel Kobs	
Murilo Alvarenga	Pedro Braga	Ricardo Pedrosa Alves	Sérgio Santos	Victor Amaral	
Murilo Lense	Pedro Carrano	Ricardo Pozzo	Sérgio Tellarolis	Victor Ançay	
Nadzieja Didycz	Pedro de Brito Sarolli	Ricardo Ramos Filho	Sergio Vilas Boas	Victor Arendt	
Nara Salamunes	Pedro Dias de Valera	Ricardo Tokumoto	Sérgio Viralobos	Victor Fermino	
Natalia Borges Polesso	Pedro Franco	Richard Roch	Sheyla Amaral	Victor Folquening	
Natália Nodari	Pedro Lemos	Rico	Sian Sene	Victor Gaete	
Natan Schäfer	Pedro Luz	Rico Lins	Sid Summers	Victor Hugo Turezo	
Natasha Centenaro	Pedro Martins Criado	Rique Ferrari	Silvana Guimarães	Victor Martins	
Natasha Tinet	Pedro Mohallem	Rita de Cassia Moser Alcaraz	Silvia Machete	Victor Prado	
Nathália Dielú	Pedro Moreira	Rita Isadora Pessoa	Silvio Demétrio	Victoria Baldani Miranda	
Nathalia Rech	Pedro Paulo A. Funari	Rita Kalinowski	Silvio Unzategui	Viegas Fernandes da Costa	
Nathalia Tsiflidis	Pedro Paulo Funari	Rita Santana	Simone Brantes	Viktor Schuldt	
Nathan Schäfer	Pedro Spigolon	Robert Darnton	Simone Huck	Vinicius Alves do Amaral	
Nayara C. P.Valle	Pedro Tostes	Robert Magni	Simone Teodoro	Vinícius Armiliato	
Nelso Moreira	Peter Hammer	Robert Massin	Sissa Stecanella	Vinícius Canhoto	
Nelson Lucyszyn	Pilar Bu	Roberta Tostes Daniel	Sofia Ricciardi	Vinicius Carvalho	
Nelson Oliveira	Piotr Kilanowski	Roberto Bozzetti	Solymar Lacerda Cunha	Vinicius Ferreira Barth	
Nelson Rocha Neto	Plinio Camillo	Roberto Desnos	Sonia Maria Cardoso	Vinícius Lima	
Neno Moura	Priscila do Prado	Roberto Dutra Jr.	Souzalopes	Vinícius Lima Figueiredo	
Nestor Junior	Priscila Lira	Roberto Gomes	Sponholz	Vinícius Perez	
Newma Cynthia	Priscila Lopes	Roberto Reis	Stefano Calgaro	Virgínia Kleemann	
Nicholas Pierre	Priscila Merizzio	Robertson Luz	Suelen Loryanni	Vitor Birner	
Nicolas Teixeira Cabral	Priscila Pacheco	Robson Vilalba	Suelen Trevisan	Vitor de Lerbo	
Niejila Brito	Priscila Prado	Rodolfo Prates	Susan Blum Pessôa de Moura	Vítor Guima	
Niels Hav	Priscila Rôde	Rodrigo Araujo	Susan de Moura	Vivian Campos	
Nils Skare	Priscila Schimidt	Rodrigo Candido	Susana Vieira	Viviane Pereira	
Nina Crintzs	Priscila Schip	Rodrigo Garcia Lopes	Susy Freitas	Vivianne Moureau	
Nina Rizzi	Pryscila Vieira	Rodrigo Lopes	Sylvia Beirute	Vladimir Suvorov	
Nina Zambias	Pupu Freitas	Rodrigo Madeira	Táciana Gayer	W. del Guiducci	
Nizar Qabbani	Quinan	Rodrigo Melo	Tággidi Ribeiro	Wagner de Melo	
Noemi Jaffe	Quodores	Rodrigo Menezes de Melo	Taina Bortotti	Wagner Willian	
Noémia Souza	Rafael Antunes	Rodrigo Novaes de Almeida	Tairone Gonçalves de Almeida	Waldiclei Barbosa	
Noslen Borges	Rafael de Oliveira Fernandes	Rogério Pereira	Taís Bravo	Wally Alves	
Nuno Rau	Rafael Estorilio	Rogério W. Galindo	Taís Martins	Walmor Marcelino	
Nydia Bonetti	Rafael Gobbo	Rogers Silva	Taís Moraes	Walter Bach	
Nyll M.N. Louie	Rafael Jonatan	Rômulo Candal	Taíse Dourado	Wanda Monteiro	
Odyr Bernardi	Rafael Menezes	Ronald Magalhães	Tâmara Abduhlamid	Wander Lourenço	
Olivia Maia	Rafael Nolli	Ronaldo Brito Roque	Tamiris Volcean	Wanderson Mosco	
Omar Godoy	Rafael Pereira da Silva Zeni	Ronaldo Cagiano	Tárcila Bevaro	Wemerson Felipe Gomes	
Omar Khayyam	Rafael Quintiniano da Silva Lopes	Ronaldo Werneck	Tassiane Corrêa Fontoura	Wesley Peres	
Oneide Diedrich	Rafael Rodrigues	Rosa Maria Mano	Tatá Universo	Whisner Fraga	
Osny Tavares	Rafael Schultz	Rosa Virgínia Mattos e Silva	Tati Bernardi	William Teca	
Osvaldo Rodrigues	Rafael Walter	Rosana Piccolo	Tatiana Bicalho	William Zeytounlian	
Osvalter Urbinati	Rafaela Santos	Rosane Carneiro	Tatiana Franceschini	Willian Delarte	
Otávio Linhares	Rafaela T. Santana	Rosângela Grafetti	Tatiana Michaud	Wilson Guanaís	
Otávio Terzi	Raísa Boing	Rosanne Machado	Tatiane Silva Santos	Wilson Nogueira	
Otto Leopoldo Winck	Ramon Diego Câmara Rocha	Rose Ausländer	Tattiana Teixeira	Wilson Rodrigues	
Otto Maria Carpeaux	Ramsés Sohn	Roseana Murray	Tchello D'Barros	Wolodymyr Tkach	
Otto Vasco	Ranieri Mastroberardino	Roza Lima Romano	Teresa de Laurentis	Xavier Vásquez Freire	
Otto Winck	Raphael Moroz	Roza Romano	Tereza Du'Zai	Xico Sá	
Pablo Neruda	Raphaella Vieira	Rubens Akira Kuana	Thame Gomes Ferreira		
Pacha Urbano	Raquel Macedo Mestre	Rubens Zárate	Thássio Ferreira		
Paloma Franca Amorim	Raquel Naveira	Rui Sobral	Theo Alves		
Panaît Istrati	Raul Colaço	Rui Werneck de Capistrano	Thiago Alonso		
Patrícia Hoffman	Raul K. Souza	Ruy Castro	Thiago Dominoni		
Patrícia Laura Figueiredo	Raul Passos	Ryane Leão	Thiago E		
Patrícia Lino	Rebeca Queluz	Sabrina G. Montibeller	Thiago Lisarte		
Patrícia Porto	Rebecca Carol Johnson	Sabrina Gevaerd Montibeller	Thiago Scarlata		
Paula Cajaty	Regina Benitez	Sam Savage	Thiago Tizzot		
Paula Freitas	Regina Navarro	Samanta Beduschi Santana	Thomaz Ramalho		
Paula Gabriela	Regis Luís Cardoso	Samantha Abreu	Tiago Dias Oliveira		
Paula Kranz	Reina María Rodríguez	Samih al-Qasim	Tiago Feijó		
Paulão de Carvalho	Rejane Machado	Sammis Reachers	Tiago Franco		
Paulino Junior	Renata Carloto	Sandi Bart	Tiago Jonas		
Paulliny G. Tort	Renata Corrêa	Sandra M. Stroparo	Tiemi Lobato		
Paulo André	Renata Lins	Sandra Regina	Tito Leite		
Paulo Bearzoti Filho	Renata Mocelin	Sandra Stoparo	Tobias Carvalho		



Linha do tempo RelevO 20 Anos

2010: Último título do São Paulo terminando em 90 minutos e fundação do **RelevO** em agosto. A primeira edição sai em 2 de setembro, 1000 exemplares, oito páginas, erros de revisão grotescos, o editor estava apaixonado por uma das escritoras da edição, belas capas e conteúdo interno já duvidoso. Editor xinga o editor do jornal concorrente para a equipe e acaba enviando o email por engano ao editor do jornal concorrente.

2011: O editor posa nu algumas vezes para estudantes de Belas-Artes, termina o relacionamento e acredita que pode viver o *American dream* com jornal de papel e literatura.

2012: Último título do São Paulo e advento de um revisor, que se tornaria editor-assistente em 2015 e Diretor de Assuntos Internacionais do **RelevO** em 2023.

2013: Muito *gang bang* e mais brigas desnecessárias com *publishers* de outras publicações.

2014: Início das prestações públicas de contas e advento do cargo de ombudsman, que não funciona legal, na verdade, e traumatiza todos os ocupantes do cargo. Edição da Copa com distribuição fracassada, mas ninguém se importa, afinal não foi o Jornal que perdeu de 7 a 1. Time de futsal do **RelevO** é campeão do campeonato de futsal de jornalistas do Paraná, e editor é escolhido principal jogador do torneio.

2015: Mais conhecido como O Ano Em Que A Equipe Do **RelevO** Cheirou Tudo, Comeu Todo Mundo, Foi Comido, Bateu O Carro, O Escambau. Jornal volta a ter 24 páginas (tinha 32). Documentário sobre o **RelevO** fracassa por motivos extracurriculares óbvios.

2016: Surge a **Enclave**, primeira *newsletter* do Jornal, geralmente em hiato. Editor vende sua coleção de vinis em uma madrugada para um vereador bêbado.

2017: Editor do periódico se descobre viciado em planilhas do Excel. Isso muda tudo.

2018: Editor do periódico espanca um velhinho na FLIP. ❤️

2019: Jornal enfim chega a todos os estados do Brasil, consolidando seu plano de fracassar em perímetro colossal. Mais um documentário não acontece.

2020: Jornal sobrevive à pandemia e até começa, depois de dez anos, a *remunerar* os autores, além de pagar todo mundo em dia, incluindo gráfica e Correios. Surge a **Latitudes**, segunda *newsletter* do jornal.

2021: Fevereiro marca o início da “parceria” **RelevO**-Red Bull. Jornal é comprado por um valor pornográfico, e editor passa a exigir que o chamem de Sir.

2022: Editor é artilheiro do Red Bull Bragantino na Série A, com 16 gols em 35 rodadas (perde três partidas por suspensão após agredir Liziero no Morumbi).

2023: **RelevO** compra um prédio abandonado de certa universidade curitibana e faz aquela que é considerada a maior *rave* com animais exóticos de todos os tempos, com destaque para a participação de Gustavo Kuerten como mestre de cerimônias.

2024: Couto Pereira abriga o Primeiro Ciclo **RelevO** de Consumo de Substâncias Lícitas e Demais Especiarias, exclusivo para assinantes, sócios do Canal Premiere e fãs de Lewis Hamilton.

2025: Festa de aniversário do editor conta com o primeiro *bunker* de ofurôs da história, além do lançamento do primeiro energético com notas de papel-jornal. Cômico da dificuldade de ter uma empresa de charutos, o Jornal faz a edição especial Bole o **RelevO**, inteiramente à prova d’água.

2026: Equipe do **RelevO** quase morre ao praticar asa delta em Machu Picchu. Por decreto do Conselho Editorial, FLIP passa a se chamar FRITE. Circulação de editoriais do Jornal nas latinas de Red Bull marca o primeiro momento da campanha Papel na Mão, Bala no Coração.

2027: Sucursal do Jornal em Hong Kong é fundada com o objetivo simplista de procurar casas de ópio. Excursão asiática obtém sucesso parcial.

2028: Com forte *lobby* na política federal, Jornal consegue a proibição da boina para homens. Maioria dos deputados troca o voto de aprovação com base na promessa de ser publicada no **RelevO**. Jornal não os publica, mas a lei passa tranquilamente pelo Senado.

2029: **RelevO** desiste de abrir o capital depois de anexar a Argentina e acabar com as estações-tubo de Curitiba só por achá-las de mau gosto. No lugar delas, Jornal banca a construção de “umas parada muuuito *cyberpunk*, velho”.

2030: **RelevO** se torna oficialmente um país ao comprar ilha minúscula na Oceania. Por razões tributárias, Red Bull transfere sua sede para lá e passa a ser controlada por uma *holding* chamada **RellevO**. Com o avanço da tecnologia tanto de *drones* como de carros autônomos, energético passa a literalmente dar asas. No Brasil, editor é preso por usar boina (ironicamente), mas paga fiança com assinaturas do Jornal. Aos 88 anos, Werner Herzog dirige o primeiro documentário sobre o **RelevO**.

Nenhuma menção à companhia austríaca Red Bull GmbH™ nesta edição foi autorizada, supervisionada, impulsionada, avaliada ou mesmo vista pela empresa, que (por enquanto) mantém zero relação com o Jornal RelevO. Depois de dez anos, talvez seja a hora de concretizar o maior sonho do editor: perder o periódico na Justiça.